Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

DANIELA FRANCA DO NASCIMENTO FARIAS

TRAZENDO PARA O QUARTO:
A LINGUAGEM PEDAGÓGICA ACERCA DO PRAZER SEXUAL FEMININO NO SITE OMGYES.COM

Brasília – DF

Julho de 2019

DANIELA FRANCA DO NASCIMENTO FARIAS

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Publicidade e Propaganda.
Orientadora: Prof. Dra. Priscila Monteiro Borges

Brasília – DF

Julho de 2019

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

TRAZENDO PARA O QUARTO:

A LINGUAGEM PEDAGÓGICA ACERCA DO PRAZER SEXUAL FEMININO

NO SITE OMGYES.COM

Daniela Franca do Nascimento Farias

BANCA EXAMINADORA:

_____

Professora Dra. Priscila Monteiro Borges

Orientadora

_____

Professora Dra. Selma Regina Nunes Oliveira

Examinadora

_____

Professora Dra. Suelen Brandes Marques Valente

Examinadora

_____

Professor Dr. Wagner Rizzo

Examinador Suplente

“O conhecimento se dá em um *continuum*. As interpretações que fazemos das coisas, fatos e pessoas estão sempre a meio caminho, têm algo de provisório. Essa é a regra número um que se pode extrair da noção de semiose peirceana. As crenças que adquirimos através da ciência não são muito diferentes. Nada há nelas de eternidade.”
Lúcia Santaella, 2001

RESUMO

A sexualidade é uma atividade condenada e controlada historicamente construída dentro de diferentes narrativas pedagógicas impostas por diversas instituições, tais como religiosas e educadoras, autoridades legais e médicas, assim como as relações familiares, entre amigos e amorosas. Sobretudo, encontra-se a mídia como difusora de discursos pedagógicos. Nessa medida, os modos nos quais as mulheres entraram em contato com questões sexuais mostra-se limitado. O site *omgyes.com* surge da necessidade de falar sobre prazer sexual feminino de forma aberta e sem preconceitos. O site intenta desmistificar certos tabus que cercam a sexualidade feminina e aborda as complexidades em torno dos modos pelos quais as mulheres sentem prazer. O intuito deste trabalho, portanto, visa estudar como as diferentes linguagens (visual, verbal, audiovisual e interativa) são utilizadas para explorar opções de prazer sexual feminino a partir da análise dos aspectos qualitativos das mensagens pedagógicas do site sob a perspectiva semiótica de Charles S. Peirce.

Palavras-chave: Comunicação; OMGYes; Pedagogia da sexualidade; Masturbação; Semiótica; Peirce.

ABSTRACT

Sexuality is a condemned and historically controlled activity, which was constructed inside different pedagogical narratives imposed by several institutions, such as religion, education, legal and medical authority, as well as relationships with family, friends and boyfriends or girlfriends. Overall, the media is the main diffusor of pedagogic discourse. So, the ways women get in touch with sexual issues are limited. The website *omgyes.com* emerges from the necessity to talk about the feminine sexual pleasure in an open and prejudice-free way. The site tries to demystify some taboos that limit female sexuality and explores the complexities of the ways women feel pleasure. This thesis seeks to study how different languages (visual, verbal, audio-visual and interactive) are used to explore options of female sexual pleasure through the analyzes of qualitative aspects of the pedagogical messages in the website under the scope of Charles S Peirce's semiotics.

Key words: Communication; OMGYes; Pedagogy of sexuality; Masturbation; Semiotics; Peirce.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Relação triádica 29
Imagem 2: Episódios 37
Imagem 3: Cena do relato de Sidney 41
Imagem 4: Cena do relato de Sidney 41
Imagem 5: Diagrama referente ao controle do orgasmo contínuo 41
Imagem 6: *Thumbnails* e legenda dos vídeos 42
Imagem 7: Hipoícone diagramático 44
Imagem 8: Cena do vídeo demonstrativo de Amber 45
Imagem 9: Cena do vídeo demonstrativo de Amber 45
Imagem 10: Hipoícone imagético utilizado como linguagem pedagógica no vídeo interativo 46
Imagem 11: Hipoícone diagramático 49
Imagem 12: Cenas dos vídeos demonstrativos 49
Imagem 13: Hipoícone imagético utilizando bolas como elemento pedagógico 50
Imagem 14: Hipoícone diagramático, texto informativo e dado percentual 51
Imagem 15: Hipoícone diagramático 52
Imagem 16: Hipoícone diagramático 52
Imagem 17: Legendas dos vídeos demonstrativos 52
Imagem 18: Legendas dos vídeos demonstrativos 52
Imagem 19: Hipoícone diagramático 54
Imagem 20: Hipoícone diagramático 54
Imagem 21: Hipoícone diagramático 54
Imagem 22: Diferentes representações dos movimentos através de setas e círculos 56
Imagem 23: Hipoícone diagramático 57
Imagem 24: Quadro referente ao painel de multiplicidade 58
Imagem 25: Hipoícone diagramático 60
Imagem 26: Movimento ascendente e descendente 61
Imagem 27: Movimento ascendente e descendente 61
Imagem 28: Ênfase por meio da velocidade 61
Imagem 29: Movimento oval na parte superior 61
Imagem 30: Hipoícone metafórico 62
Imagem 31: Relato como recurso pedagógico 63
Imagem 32: Relato com imagem como recurso pedagógico 63
Imagem 33: Relato com imagem como recurso pedagógico 65
Imagem 34: Variações de camadas 67
Imagem 35: Técnica “sanduíche de clitóris” 67
Imagem 36: Deslizar sobre a pele 68
Imagem 37: Mover o prepúcio 68
Imagem 38: Pressionar 68
Imagem 39: Tabela referente à técnica de camadas 69
Imagem 40: Hipoícone diagramático 70
Imagem 41: Imagem introdutória do painel 71
Imagem 42: Hipoícone diagramático 73

Imagem 43: Hipoícone diagramático 73
Imagem 44: Hipoícone diagramático interativo 74

SUMÁRIO

1. **Introdução** 9
2. **Sexualidade feminina** 12
   2.1. Discursos pedagógicos 14
   2.2. Masturbação 18
3. **Semiótica peirceana** 23
   3.1. Categorias fenomenológicas 25
   3.2. A relação triádica 27
   3.3. Ferramenta investigativa 30
4. **A linguagem pedagógica acerca do prazer sexual feminino** 36
   4.1. Controle do orgasmo 39
      4.1.1. Variações 44
   4.2. Ritmo 47
   4.3. Insinuação 50
   4.4. Consistência 53
   4.5. Surpresa 54
   4.6. Multiplicidade 56
   4.7. Ênfase 59
      4.7.1. Por que usar a ênfase 60
      4.7.2. Como a ênfase funciona 60
      4.7.3. Encontrar as melhores partes para dar ênfase 62
   4.8. Concentração 62
   4.9. Camadas 66
   4.10. Fases 70
   4.11. Movimentos circulares 72
   4.12. Sinalização 75
5. **Considerações finais** 76
6. **Referências bibliográficas** 79

1. Introdução

A sexualidade, sobretudo a masturbação, é condenada e controlada historicamente. O controle das atividades sexuais era exercido por meio de discursos úteis e públicos (FOUCAULT, 1988), ditados por uma moralidade religiosa que beneficiava o casamento, a heterossexualidade, a vida familiar e a monogamia. Normatizada pelos padrões cristãos, a sexualidade restringe-se à família conjugal e serve, inteiramente, à função reprodutora. "O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo" (ibid, p. 9). Portanto, os limites discursivos da sexualidade eram estabelecidos dentro das normas institucionalizantes do casamento e da organização familiar.

Porém, por tratar-se de uma construção histórica e cultural determinada a partir de uma rede de significados definidos pelo interesse de um determinado grupo social, a sexualidade tem um caráter fragmentado, instável e plural (LOURO, 2000). Em outras palavras, cada época e cada cultura constroem um discurso sobre a sexualidade condizente com seus princípios e valores institucionais. Deste modo, surgem sexualidades discursivas em diferentes instituições preocupadas com o disciplinamento dos corpos e com a vida sexual dos indivíduos, configurando-se em métodos de administração e de gerenciamento para regulação do comportamento sexual (WEEKS, 2000). Assim, a sexualidade é construída dentro de diferentes narrativas pedagógicas impostas por diversas instituições que regulam os limites daquilo que é sexualmente possível e aceitável.

Dessa forma, os modos pelos quais as mulheres entraram em contato com questões sexuais são limitados, devido às restrições realizadas por instituições religiosas e educadoras, autoridades legais e médicas, assim como as relações familiares, entre amigos e amorosas. Sobretudo, encontra-se a mídia como difusora de discursos pedagógicos. Para Flausino (2008, p. 23), a mídia produz conteúdo para a massa, "de acordo com os tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas estabelecidas". Desse modo, a diversa proliferação de discursos referentes ao sexo configuram-se como estratégia pedagógica de controle dos indivíduos (LOURO, 2000). E, na atualidade, com maior acesso à informação, tais discursos ganham novos formatos para se exercer regras de disciplinamento (cf. Zucco e Minayo, 2008; Flausino, 2008; Rocha, 2001; entre outros), como surgem novas modalidades de expressão do ser sexual que visam a proliferar discursos diferentes em relação à sexualidade.

Nesta medida, os discursos midiáticos dizem respeito a um modo de dar conta de práticas sociais a partir do mapeamento de lógicas de funcionamento que atravessam vários e

distintos campos. Segundo Flausino (2008, p. 19), “estamos diante de uma explosão discursiva sobre o corpo. Jamais se regulou tanto o corpo e se tolheram os prazeres dele advindos, como na contemporânea cultura da mídia”. Portanto, nossas relações sociais se moldam e são moldadas nesse regime discursivo dos limites do prazer sexual feminino. E não se pode negar que o avanço tecnológico exerce uma mudança estrutural importante na sociedade globalizada atual. A tecnologia possibilita o surgimento de diversas mudanças no comportamento do indivíduo e no modo como a sociedade se organiza, assim como no entendimento de determinados assuntos, como exemplo, a sexualidade feminina.

Nesta perspectiva, o site *omgyes.com* surge da necessidade de falar sobre prazer sexual feminino de uma forma aberta e sem preconceitos. O site intenta desmistificar certos tabus que cercam a sexualidade feminina, abordando as complexidades em torno dos modos pelos quais as mulheres sentem prazer. Segundo Coleman (2002), a masturbação é um componente crítico no desenvolvimento da saúde sexual. Porém, devido às narrativas discursivas de regulação, o assunto mantém-se estigmatizado. Deste modo, baseado na pesquisa de Herbenick (et al., 2017)[1], o site busca tratar de assuntos polêmicos que são constantemente silenciados na sociedade atual através de diferentes linguagens. O conteúdo do site, nesta medida, apresenta discussões relevantes acerca de diferentes perspectivas sobre o assunto da sexualidade feminina com o intuito de ampliar o conhecimento do tema.

O intuito deste trabalho, portanto, visa a analisar como as diferentes linguagens (visual, verbal, audiovisual e interativa) são utilizadas para explorar opções de prazer sexual feminino. Nesta perspectiva, a partir da análise dos aspectos qualitativos das mensagens pedagógicas do site sob a perspectiva semiótica de Charles S. Peirce, são objetivos específicos deste trabalho: (1) descrever as qualidades visuais, sonoras e verbais dos signos; (2) identificar as possíveis associações das qualidades por semelhança com as do objeto; (3) identificar as sensações análogas na mente interpretante sugeridas pelo signo; (4) identificar semelhanças e diferenças no modo de construção dessas representações a partir da escolha de determinadas qualidades constitutivas do signo; e (5) analisar como os interpretantes modificam as possibilidades significativas do signo.

A pesquisa, deste modo, está dividida em quatro partes. Na primeira, são apresentados os conceitos sobre sexualidade feminina e seus potenciais discursos pedagógicos. Busca-se,

[1] O objetivo do estudo foi avaliar, em uma amostra probabilística de mulheres norte-americanas, experiências relacionadas ao orgasmo, prazer sexual e práticas masturbatórias. Em junho de 2015, 1.055 mulheres de 18 a 94 anos, através do site *GfK KnowledgePanel®*, concluíram um questionário confidencial on-line. As mulheres relataram diversas preferências pela localização do toque genital, pressão, forma e padrão.

portanto, entender a incitação das narrativas referentes à sexualidade e como esta regulação influenciou no aumento do estigma da masturbação. A segunda parte se propõe a descrever uma parte do estudo semiótico proposto por Charles S. Peirce e suas implicações nos modos de mapear, classificar e analisar processos sígnicos. Sob a ótica da semiótica, intenta-se destrinchar as linguagens e elementos pedagógicos utilizados no site. Na terceira parte, é desenvolvida a análise na qual se investiga como a plataforma intenta falar sobre o tópico da sexualidade feminina a partir da tríade icônica peirceana: os hipoícones imagético, diagramático e metafórico. Por fim, são apresentadas as considerações referentes à análise e os potenciais limitantes deste tipo de abordagem científica.

2. Sexualidade feminina

Duas posições divergentes marcam o debate sobre sexualidade: o essencialismo e o construtivismo social. Sob a ótica essencialista, pode-se creditar à sexualidade aspectos inatos ou naturais à ordem biológica do indivíduo. Tal configuração genética não apresentaria possibilidades de mudança, apresentando-se como um organismo imutável. Ou seja, a teoria essencialista presume uma verdade ou essência interior. Para Weeks (2000, p. 29), "essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos". Nesta medida, a sexualidade estaria reduzida às funções biológicas que todos os sujeitos compartilham como condição universal. Assim,

> há uma ênfase no sexo como um "instinto", expressando as necessidades fundamentais do corpo. Isso reflete uma preocupação pós-darwiniana do final do século XIX em explicar todos os fenômenos humanos em termos de forças identificáveis, internas, biológicas. Hoje estamos mais inclinados a falar sobre a importância dos hormônios e genes na moldagem de nosso comportamento, mas a suposição de que a biologia está na raiz de todas as coisas persiste, uma suposição que é ainda mais forte quando se fala de sexualidade. Falamos todo o tempo sobre o "instinto ou impulso do sexo", vendo-o como a coisa mais natural. (ibid, p. 26)

Porém, ao considerar que a sexualidade poderia ser algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano, estaríamos negligenciando sua dimensão social e política. Foucault (1988) afirma que a sexualidade é um dispositivo histórico, uma invenção social constituída a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, normatizam, instauram saberes e produzem verdades. Deste modo, as identidades sexuais (assim como todas as identidades sociais e as de gênero) apresentam-se como fenômenos fragmentados, instáveis, históricos e plurais (LOURO, 2000). A partir do pensamento foucaultiano, a sexualidade não estaria mais limitada a comportamentos ou práticas sexuais. Ampliam-se, portanto, as discussões que tangenciam aspectos culturais, dimensões políticas e sociais.

A abordagem construtivista, deste modo, opõe-se ao essencialismo ao relacionar o entendimento de sexualidade à ordem cultural de um período histórico e de um ambiente determinado, construída subjetiva e coletivamente (ZUCCO; MINAYO, 2009). Em outras palavras, a sexualidade poderia ser definida como uma categoria que transcende os impulsos biológicos. Para Weeks (2000), apenas poderíamos compreender tais discursos relacionados à sexualidade ao analisar um contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão importância à sexualidade num determinado momento,

compreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal/anormal ou aceitável/inaceitável.

Neste sentido, percebe-se que a sexualidade se apresenta como uma construção social cujos aspectos culturais, políticos e sociais configuram sua definição. Porém, o corpo físico também apresenta importante papel na construção deste conceito. Historicamente, os corpos têm sido materializados e objetificados a partir do determinismo biológico de se ter nascido homem ou mulher. “Ainda que o determinismo biológico marque o sexo do ser humano, a abordagem da sexualidade a partir do conceito de papel sexual, que remete ao modo pelo qual uma pessoa expressa a sua identidade sexual, não deve ser desmerecida” (TRINDADE; FERREIRA, 2008, p. 418). No entanto, historicamente o corpo biológico estabelece limites daquilo que é sexualmente possível e aceitável, embora a sexualidade não possa ser resumida apenas a questões biológicas. Os modos de ser e de agir nos quais os gêneros são construídos determinam os discursos relacionados à sexualidade.

Segundo Butler (2003), gênero não é um conceito fixo e imutável, mas sim temporário e performativo, configurando-se como estratégia discursiva de disciplinamento da sexualidade dos indivíduos. O entendimento da sexualidade feminina, nesta perspectiva, está em constante relação com o universo oposto de regras e significados do gênero masculino. O sujeito configura-se como masculino, relacionado com o universal, diferenciando-se de um “outro” feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa (ibid). “Esta oposição demarca signos distintos entre homens e, até mesmo, antagônicos a ambos, reportando à construção binária de gênero” que precisa ser constantemente regulada (HEILBORN, 1999 apud ZUCCO; MINAYO, 2009, p. 49). Deste modo, o gênero enfatiza traços de construção histórica – do que se espera do feminino e do masculino, de seus comportamentos e de suas atitudes –, que exerce influência no controle da sexualidade. Assim,

> ao diferenciar a dimensão biológica da social, a categoria de gênero explicita que os atributos constitutivos da sexualidade feminina foram historicamente construídos de forma assimétrica e em oposição aos masculinos. Contudo, as discussões de gênero permitem afirmar que não é a diferença sexual que institui relações hierárquicas de modo assimétrico entre homens e mulheres, mas a maneira como cada sociedade valoriza e significa tais diferenças biológicas. Disso decorrem representações sobre o que se espera do feminino e do masculino, de seus comportamentos e de suas atitudes, até mesmo sexuais. (ibid, p. 46)

Nesta medida, o controle da/pela sexualidade é, segundo Bleier (1984, apud GIFFIN, 1994, p. 150), "o método por excelência do controle cotidiano das mentes e corpos das mulheres nas culturas patriarcais". Assim, propagam-se discursos socioculturais de estereótipos que

garantem o conservadorismo através do controle dos corpos. Segundo Louro (2000, p. 8), “os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados”. Por este fato, o corpo passa a ser um investimento constante. “De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos e morais dos grupos a que pertencemos.” (ibid). Ou seja, a sexualidade transgride os limites do corpo, porém os discursos relacionados à corporeidade estabelecem o limite daquilo que é sexualmente possível. Estes limites são impostos aos indivíduos pela dinâmica cultural na qual o sujeito está inserido.

2.1. Discursos pedagógicos

Tais preocupações relacionadas à sexualidade, por muito tempo, têm sido esforço de instituições religiosas. Para Trindade e Ferreira (2008, p. 418), “o processo de formação da nossa sociedade recebeu forte influência da sociedade ocidental europeia que, pautada na ética e na moral do Cristianismo, concebeu o corpo e o sexo como lugar de interditos”. Em um primeiro momento, então, o discurso era de privação do conhecimento e do prazer. Em seguida, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo susceptíveis de funcionar. Assim, foi imposta a necessidade de regular o sexo a partir de padrões cristãos, legitimados pela instituição do casamento, que impôs à mulher o cumprimento de sua função reprodutora (ZUCCO; MINAYO, 2009). Para Giffin (1994, p. 151),

> nesta tradição, os pares contrapostos são vistos como opostos e excludentes, além de fixos nas suas diferenças. Aplicado à construção dos gêneros, o dualismo afirma, em primeiro plano, que o homem é ativo e a mulher, passiva. Aplicado à construção da sexualidade, ele funde a identidade de gênero e a identidade sexual (ser homem é praticar sexo com mulheres, e vice-versa), resultando na hegemonia heterossexual, baseada em dois tipos de seres: homens sexualmente ativos e mulheres sexualmente passivas. Aqui, um confronto entre opostos é a base da sexualidade: o homem vai fazer e à mulher será feita.

Pela influência cristã, portanto, o sexo era visto somente como algo ligado à reprodução fazendo com que o prazer fosse reprimido por ser considerado pecaminoso ou moralmente condenável (GIFFIN, 1994). Os discursos sobre o sexo, então, eram baseados em uma moralidade inscrita em instituições sociais: o casamento, a heterossexualidade, a vida familiar e a monogamia (WEEKS, 2000). Uma estratégia pedagógica realizada pela Contra-Reforma foi acelerar o ritmo das confissões anuais na tentativa de dar cada vez mais importância na penitência a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, entre outros (FOUCAULT, 1988). Todos estes aspectos devem ser descritos em detalhe na

confissão. Deste modo, a confissão configura-se como um discurso de poder e como mecanismo pedagógico ao incitar nos cristãos a necessidade de confessar seus hábitos sexuais. Foucault afirma:

> Sobre o sexo, os discursos — discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto — não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII. Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos "ilícitos", discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (ibid, p. 22)

Embora a administração do sexo tenha suas raízes na tradição religiosa judaico-cristã, os discursos ganharam força em diferentes instituições. Segundo Foucault (1988), não há dúvidas de que a multiplicidade de discursos sobre o sexo recebia tanto estímulo e mecanismo coercitivo, pois reinava, globalmente, um interesse de natureza econômica e de utilidade política. Esses discursos eram sempre limitados e cuidadosamente codificados para servir a alguma finalidade específica. Não obstante, “os discursos reguladores não deixavam de proliferar-se. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reformas e planos de instituições ideais, proliferam em torno do colegial e de seu sexo” (ibid, pp. 30-31).

A estrutura de confissão cristã ampliou o debate, que antes pertencia apenas ao âmbito privado, para o meio social. A vida dos indivíduos tornou-se tema de preocupação da sociedade, que visava ao bem da uniformidade moral, da prosperidade econômica, da segurança nacional ou da higiene e da saúde. Deste modo, a sociedade se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos, configurando-se em métodos de administração e de gerenciamento para regulação do comportamento sexual (WEEKS, 2000). O disciplinamento dos corpos passa a ser preocupação do Estado, que se encarregou de educar sexualmente a população para controle do bem social, juntamente com a igreja, a escola e, sobretudo, a mídia. Assim,

> na escola, pela afirmação ou pelo *silenciamento*, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja

> produzindo discursos distantes e contraditórios. (LOURO, 2000, p. 20, *grifo da autora*)

Portanto, cada época e cada cultura constroem um discurso sobre a sexualidade revelador da sua mentalidade social. O discurso divulgado na mídia não tem como finalidade estabelecer ou discutir diferenças, sua função é difundir e propagar os discursos pedagógicos de poder (CAMARGO; HOFF, 2002). Segundo Hunt (1999), o controle dos impressos na Europa dos tempos medievais até o século XVII era feito em nome da religião e da política – como supracitado anteriormente – e não em nome da decência. "Nos últimos cem anos, quase todos os escritos, esboços ou material impresso ficaram restritos a um pequeno segmento da população, constituído pela elite social" (ibid, p. 12). Assim, representações referentes à sexualidade começaram a aparecer quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações.

Um código moral essencialmente autoritário dominou a regulação da sexualidade até os anos 1960, quando a primeira onda do feminismo se engajou em questionar e refletir, procurando desconstruir inúmeras formas de instituições e relações patriarcais no seio das quais se mantinham e se reproduziam estratégias de dominação masculina (MATOS, 2008). Deste modo, a relação sexualidade–reprodução perdeu forças a partir do impulso que ganhou no movimento feminista, com o advento da pílula anticoncepcional. "O casamento monogâmico deu lugar a uma maior liberdade sexual, liberando as mulheres de uma função imposta a seus corpos através da opção de ter ou não filhos" (TRINDADE; FERREIRA, 2008). Neste sentido, Weeks (2000, p. 28) afirma que "nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder".

Nesta perspectiva, esses discursos estão relacionados, entre outros fatores, com os meios de comunicação, responsáveis pela configuração de valores e símbolos para o público usuário de seus serviços (ZUCCO; MINAYO, 2009). A mídia, então, inicia processo pedagógico de controle do discurso sexual através de processos comunicativos. "Eles alimentam o mercado publicitário, definem imagens, ditam padrões e vendem produtos, compondo um mosaico que acaba por integrar a maneira de nos percebermos e de estarmos no mundo" (ibid, p. 44). Há diversos pesquisadores que se debruçaram sobre os processos pedagógicos da mídia, a fim de entender o efeito destes discursos no disciplinamento dos corpos. Segundo Melo (2000 apud ZUCCO; MINAYO, 2009, p. 44), nos anos 1990, houve no Brasil uma mudança editorial, promovida pela grande imprensa, na qual jornais e revistas de circulação nacional ampliaram

os espaços destinados a temas como comportamento, sexualidade e saúde reprodutiva, bem como deram vez à participação de leitores e leitoras. A mídia, portanto, configura-se como educadora ao divulgar um modelo de sexualidade, concretizando no corpo normas que controlam as ações dos indivíduos.

Assim, muda-se a estrutura dos meios de comunicação que antes se esforçavam em divulgar conteúdo de interesse público como segurança, saúde, educação. No entanto, como o controle da sexualidade dos indivíduos passou a ser responsabilidade do Estado, a mídia inseriu na pauta os assuntos relacionados à sexualidade utilizando discursos de poder que visavam a educar a população. Atualmente, percebe-se que a mídia está sendo chamada a se posicionar sobre políticas públicas e serviços, até mesmo sobre a criação de seções voltadas para os direitos do consumidor. Tais mudanças decorrem de uma conjunção de fatores, apontadas por Zucco e Minayo (2009) como: interesses do mercado, evolução editorial, comportamento mais crítico da sociedade e abertura de temas da agenda social e política a segmentos organizados da sociedade. As autoras identificaram que o uso do imperativo é peculiar a qualquer discurso em que haja doutrinação, muito presente nos textos religiosos e, também, no publicitário.

Podemos concluir que a sexualidade não se limita a comportamentos ou hábitos sexuais, desvinculando-se da ideia de reprodução biológica da espécie como única função. Essa lógica vinculava a sexualidade ao corpo e a reduzia às funções biológicas, naturalizando-a e sugerindo que todos os sujeitos a compartilhavam como condição universal. Deste modo, há uma dependência dos processos sociais que a constroem. O desenvolvimento do conceito de gênero, no âmbito dos estudos relacionados à mulher, intenta operar uma desconstrução das categorias do sexo entre feminino/masculino, discutindo a naturalização dos aspectos biológicos anteriormente aceitos como norma na relação binária entre os sexos (GIFFIN, 1994). Em síntese, Louro (2000, p. 6) afirma:

> Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, consequentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

A sexualidade configura-se, então, como uma categoria amplamente complexa que depende dos discursos reguladores de uma determinada época em um contexto cultural específico. Percebe-se que estes discursos se propagam pedagogicamente através de diversas

instituições que visam a estabelecer controle sobre o corpo em prol de uma finalidade específica. “Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 2000, p. 16). Pode-se perceber que, enquanto a estratégia pedagógica em torno do sexo era da proliferação de múltiplos discursos, a masturbação configura-se como um tema silenciado. A seguir, busca-se aprofundar o tema da masturbação como forma de entender o fenômeno a ser analisado na plataforma *omgyes.com*.

2.2. Masturbação

A masturbação é uma prática comum entre os homens desde os primórdios de sua existência, sendo uma das mais privadas, ocultas e negligenciadas formas dos hábitos sexuais. Patton (1985 apud KONTULA; HAAVIO-MANNILA, 2002) afirma que não há outro comportamento sexual tão nativo para a espécie humana – amplamente discutido e condenado, mas universalmente praticado – do que a masturbação. No entanto, este assunto permanece pouco pesquisado e muitas vezes incompreendido embora diversos pesquisadores (HAUS, 2018; ESCAJADILLO-VARGAS et al., 2011; PHILLIPPSOHN, HARTMANN, 2009; AVIS et al., 2009) comprovem inúmeros benefícios relacionados ao ato. Segundo Coleman (2000, p. 19, *tradução nossa*),

> A masturbação dá ao indivíduo a oportunidade de aprender sobre o seu corpo e sua resposta sexual. Como o prazer sexual é dado a si mesmo, foi especulado que isso contribui para o senso de propriedade, controle e autonomia sobre o próprio corpo. Integridade corporal não é apenas um direito sexual, mas também um ingrediente-chave na saúde sexual (Word Association for Sexology, 1999). Ao contrário do mito de que a masturbação aumentaria o egoísmo e o foco em si mesmo, maior auto-estima e espontaneidade são vistos como ingredientes essenciais para estabelecer intimidade com os outros.

Mesmo que a masturbação seja um ato privado, ela tem sido ativamente regulada e rotulada negativamente pelas sociedades. A origem da expressão, por exemplo, surge da palavra latina *manus*, que significa mão, combinada com a palavra *turbare*, agitar ou perturbar o órgão. Porém, tão forte foi (e tem sido) a hostilidade na cultura cristã ocidental ao ato masturbatório que até mesmo as raízes linguísticas da palavra foram distorcidas para enfatizar sua associação com o impuro. Segundo Bullough (2003), a maioria dos escritores ocidentais alegaram que a

palavra foi formada a partir de uma combinação da palavra *manus* associada à palavra *stuprare*, que significa corromper, dando assim um estigma à prática.

As primeiras formas de demonstração da prática surgem em representações pictóricas descritas nos mais antigos escritos. Como exemplo, foram encontrados, em paredes de pirâmides datadas da quinta/sexta dinastia egípcia no terceiro milênio, escritos sobre o deus Atum, o Deus Sol, que conseguiu dar vida a um grupo de deuses, Enéade, através da masturbação. Na mitologia egípcia, portanto, acreditava-se ser possível procriar sem a presença de uma mulher, simplesmente masturbando-se. Já os babilônios não discutiam a masturbação, porém aceitavam o ato, a fim de resolver o problema da potência masculina. Quando os homens tinham dificuldades com a ereção, eles eram encorajados a esfregar seu próprio pênis — ou deixar que alguém esfregasse por eles — com um óleo especial para excitar-se. Porém, os antigos hebreus — influenciados por ambas tradições egípcias e babilônicas — introduziram o conceito de impureza associada ao ato masturbatório. "Qualquer emissão de sêmen fora da vagina, voluntariamente ou não, foi considerada uma importante fonte de contaminação e exigia uma cerimônia de purificação" (BULLOUGH, 2003, p. 19, *tradução nossa*).

No entanto, se analisarmos a passagem bíblica de *Levítico 15:18*, podemos perceber que a impureza não estava apenas associada à masturbação. Um homem e uma mulher que praticassem ato sexual deveriam ambos realizar um ato purificatório com água e limpar-se da impureza do evento antes de anoitecer. Em outra passagem (Gênesis 38:7-10), Onã foi executado por Deus ao recusar-se a engravidar a esposa de seu irmão morto quando, ao interromper a concepção, derramava o sêmen sobre o chão. Muitos interpretaram esta passagem como a ira de Deus sob o pecado da masturbação, sendo onanismo outro termo criado para referir-se ao ato masturbatório.[2] Portanto, percebe-se que a impureza na masturbação parece ser enfatizada na construção de um discurso negativo, mas isso não se configura de forma diferente dos discursos de qualquer outra atividade sexual. Deste modo,

> uns até chegaram a considerar a masturbação como um crime merecendo a pena de morte. Outros eram muito mais tolerantes, mas a perda de sêmen era preocupante para a maioria, e é possível que a injunção talmúdica seja contra um homem segurando seu pênis mesmo enquanto urina, exceto no caso de um homem casado cuja esposa estava prontamente disponível para relação sexual, resultado do medo da perda de sêmen. (NIDDAH 13A, 1948 apud BULLOUGH, 2003, p. 20)

[2] Segundo Levítico, Onã deveria cumprir o dever do casamento levirato, ao casar-se com a viúva do irmão que não tivesse filhos. Deste modo, o irmão conseguiria dar continuidade à linhagem do primogênito de Judá. Porém, ao interromper a concepção, Onã estava colocando em risco a linhagem Messiânica. Por isto, Deus o matou.

Não obstante, ainda não é claro o motivo pelo qual existia demasiado medo na perda do sêmen. É possível que este desperdício possa ser considerado como uma falha do dever procriador masculino, mas essa justificativa parece contrapor-se à utilização de contraceptivos caseiros pelas mulheres ao longo do tempo (BULLOUGH, 2003). De todo modo, a prática masturbatória era (e é) universalmente praticada apesar de toda a desaprovação – com pontuadas aceitações em determinadas circunstâncias – durante a história humana, mas é interessante perceber que a masturbação feminina não é mencionada, mostrando-se ignorada historicamente. A maioria das informações registradas vem em grande parte dos registros médicos. Assim, quando mencionadas, a relação entre mulheres e masturbação surgiu da ideia de que as mulheres necessitavam do ato masturbatório para manterem-se sãs.

Há registros de médicos que utilizaram vibradores em clínicas para "curar" mulheres de histeria e outras doenças corporais e psicológicas, embora esses tratamentos não constituíssem trocas sexuais, mas sim médicas (MAINES, 2001 apud FAHS; FRANK, 2013, p. 2). Percebe-se, portanto, que a medicina passa a apresentar um papel controlador em relação às sexualidades. Enquanto o cristianismo controlava os hábitos sexuais dos pagãos, a masturbação relacionava-se com a impureza e o sexo era apenas aceitável quando havia a intenção de procriar. A medicina durante os séculos XVII e XVIII, por outro lado, controlava os hábitos sexuais através de patologias. Alguns médicos chegaram a inserir anéis na pele do órgão sexual masculino provocando dor ao ser agitado. Nas mulheres havia a inserção de metal quente no clitóris provocando uma ferida que, ao cicatrizar, impedia a masturbação.

Deste modo, devido ao estigma institucionalizado em relação ao ato masturbatório, existe lacuna considerável nos estudos em relação à masturbação (MADANIKIA et al., 2013). As pesquisas médicas focaram seus primeiros estudos nos órgãos sexuais masculino e feminino, como anatomia, doenças sexualmente transmissíveis, gestação. Porém, em 1915, Max Exner interessou-se pelo tema da educação sexual e da masturbação. O pesquisador decidiu, portanto, aplicar um dos primeiros questionários sobre hábitos sexuais nos Estados Unidos e obteve uma resposta de aproximadamente 700 estudantes universitários homens. Os questionários, então, indicaram que a masturbação era uma atividade não-procriativa comum entre os participantes. Assim, os estudos relacionados à frequência, prazer sexual e experiências sociais começaram a surgir.

Na década de 1930, Pullias (1937 apud MADANIKIA et al., 2013, p. 106) realizou um estudo no qual 83% da amostra composta por estudantes universitários do sexo masculino acreditavam que a masturbação apresentava efeitos negativos e menos de 7% acreditava que não havia prejuízo à saúde. Deste modo, devido à presença de fortes atitudes negativas em

relação à masturbação no passado, não seria supreendente se as pessoas ainda mantivessem alguns pensamentos negativos direcionados ao ato masturbatório. Esta perspectiva manteve-se em outro estudo realizado por Laumann (et al., 1994) no qual, através de uma pesquisa norte-americana, quase metade dos homens e mulheres que se masturbavam responderam que se sentem culpados por apresentarem este hábito. Segundo Coleman (2000, p. 19, *tradução nossa*), "devido ao estigma promovido pela cultura e pelas crenças religiosas, a masturbação tem o poder de criar intensa culpa e vergonha nos indivíduos".

Pouca atenção tem sido dada às potenciais diferenças de gênero em experiências e atitudes em relação à masturbação. Historicamente, sabe-se que houve tentativas mais fortes de desencorajar e sancionar masturbação masculina do que a feminina (BULLOUGH, 2003). Não obstante, algumas pesquisas sugerem que ambos os sexos consideram a masturbação mais aceitável e normativa quando engajados por homens em relação a mulheres. Inúmeros estudos confirmam que homens se masturbam mais que as mulheres. Em determinadas culturas, a diferença é maior do que em outras. Este número depende da importância que determinada cultura dá ao ato sexual. Na Índia, por exemplo, um estudo indicou que estudantes universitárias que tinham o hábito de se masturbar acreditavam que o ato levaria a consequências negativas na saúde e no relacionamento (SHARMA et al., 1998 apud MADANIKIA et al., 2013, p. 107).

Como a masturbação é muitas vezes um tema desconfortável para pais e educadores em saúde sexual, a maioria dos adolescentes e jovens adultos entra em contato com a masturbação através de representações na mídia (KAESTLE; ALLEN, 2011). A mídia é uma ferramenta muito utilizada durante o processo de socialização, assim as visões nela refletidas podem servir para regular as normas que são internalizadas pela sociedade, enraizando ainda mais os conceitos sexuais normativos (MADANIKIA et al., 2013). Apesar da presente fixação da mídia na sexualidade das mulheres – particularmente a exploração de imagens sobre seus corpos e conteúdos atrativos para os homens –, a pesquisa acadêmica não tem abordado as experiências de masturbação das mulheres como relevante e visível aspecto da sua expressão sexual. Segundo Baršauskaitė (2018, p. 4, *tradução nossa*),

> os órgãos genitais femininos são muitas vezes representados como sexualmente inadequados, repugnantes e vergonhosos e, portanto, perfeitos para torná-los mais "frescos" e "jovens" (Braun & Wilkinson, 2001). De produtos de higiene feminina a exercícios de Kegel e cirurgia estética, as mulheres são encorajadas a obter uma buceta "perfeita" e "fudida". A imagem "ideal" e sexualizada dos órgãos genitais é reforçada pela mídia, principalmente na pornografia (Attwood, p. xiii-xxi, 2014). Parece que as mulheres, mais do que os homens, tendem a ficar mais insatisfeitas com seus órgãos genitais, especialmente quando se trata de cor, comprimento, pêlos pubianos e olfato (Mullinax; Herbenick; Schick; Sanders; Reece, 2015).

A mídia e as interações sociais, por exemplo, facilitam o aprendizado e a internalização da ideia de que os prazeres possíveis de serem vivenciados através do corpo são impuros e não devem ser praticados. Deste modo, as mulheres podem desenvolver uma visão disfuncional de seus órgãos genitais em relação à sua sexualidade, podendo afetar negativamente suas experiências sexuais. Na verdade, as meninas muitas vezes nem sequer são ensinadas sobre os termos ou entram em contato com representações dos detalhes de sua genitália, como vulva, clitóris ou lábios, resultando em discurso ausente do desejo para as mulheres jovens (FINE, 1988 apud BARŠAUSKAITĖ, 2018, p. 4). Em relação à masturbação, podemos perceber que as inúmeras formas de referir-se ao ato masculino oferece maior abertura para falar do assunto enquanto a masturbação feminina – ao qual não se apresentam diferentes nomenclaturas – é silenciada.

Deste modo, apesar dos inúmeros benefícios apresentados em variadas pesquisas e da frequência relativamente alta com que os adultos praticam a masturbação, esse comportamento permanece altamente estigmatizado. Com o avanço da Internet, o acesso erótico à estimulação da fantasia, ao conteúdo pornográfico e às várias manifestações sexuais está se expandindo rapidamente. Segundo Elders (1994 apud COLEMAN, 2002, p. 25, *tradução nossa*), a masturbação “é uma parte da sexualidade humana, e é parte de algo que talvez deva ser ensinado. Mas nós nem ensinamos aos nossos filhos o básico. E eu sinto que temos tentado a ignorância por um longo tempo e é hora de tentarmos a educação". A sexualidade humana é muito diversificada e complexa, sendo a masturbação um dos comportamentos sexuais cujos discursos têm o poder de produzir prazer e saúde (no caso de discursos liberais) ou de induzir culpa e vergonha nos indivíduos (discursos conservadores).

3. Semiótica peirceana

Para este trabalho a semiótica peirceana foi escolhida por ser uma disciplina lógica, cuja teoria abstrata e geral serve para mapear, classificar e analisar processos sígnicos. A análise semiótica pode nos ajudar a entender o fenômeno pelo fato de permitir: (1) a identificação de qualidades particulares referentes ao signo; e (2) o reconhecimento de um processo lógico através da relação entre as classes de signos que pode gerar a formação de categorias e conceitos gerais. Para Borges (2014, p. 1), "o estudo dos signos inicia-se com a observação de características explícitas dos signos e segue num processo de abstração e inferências que nos leva a um sistema geral mais compreensível de todos os tipos possíveis de signos". Deste modo, o processo de obtenção do conhecimento depende da generalização que vem através da observação de um fenômeno em particular.

Porém, as classes de signos peirceanas não são simplesmente definições para nomear fenômenos, é um processo lógico muito mais complexo do que colocar etiquetas nos signos. Desta forma, é preciso retornar à origem do sistema lógico proposto por Peirce, a semiótica, a fim de entender como esta teoria busca desvendar como são e como operam os signos. O nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. A semiótica, portanto, apresenta-se como a ciência dos signos. Porém, não são os signos do zodíaco, mas signo entendido aqui comoenquanto linguagem. Portanto, a semiótica é a ciência geral de todas as linguagens. Contudo, é preciso fazer uma pequena distinção entre linguística, cujo objeto de estudo também é a linguagem, e semiótica.

Segundo Martelotta (2008), a linguística é definida, na maioria dos manuais especializados, como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem. Já a semiótica é ciência de toda e qualquer linguagem. Os linguistas entendem linguagem como uma habilidade e definem o termo como a capacidade restrita aos seres humanos de se comunicarem por meio de línguas. Por sua vez, o termo língua é definido como um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística (Martelotta, 2008). Porém, no vocábulo popular, o termo "linguagem" apresenta mais de um sentido. Ele é mais comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a corporal, a das artes, a da sinalização, a escrita, entre tantas outras. Ou seja,

> Existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme

> variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. (SANTAELLA, 1983, p. 11)

Deste modo, a semiótica entende como linguagem todos os sistemas de produção de sentido e debruça-se sobre a tarefa de desvendar o que são e como operam estes signos. Não obstante, o aparecimento da semiótica como ciência, no final do século XIX, coincidiu com o processo expansivo das tecnologias de linguagem. Porém, foi apenas na segunda metade do século XX que a semiótica veio a ocupar lugar de destaque como uma nova área de saber. A obra de Peirce é muito extensa – ao qual o autor dedicou-se intensamente por quase toda a sua vida – e envolve uma série de áreas do conhecimento. Segundo Santaella (1992), não conseguimos rotular a semiótica como uma teoria ou método, uma disciplina ou enfoque interdisciplinar. Podemos deduzir, então, "a existência de um campo heteróclito e plural de indagações e pesquisas no qual as diferenças são a regra" (ibid, p. 45).

Assim, a semiótica está relacionada a diversas ciências. Peirce classificou as ciências em: (I) Ciências da descoberta ou heuréticas; (II) Ciências da revisão; e (III) Ciências práticas. O primeiro ramo da classificação das ciências foi a divisão mais detalhada por Peirce. Nela encontra-se: (a) Matemática; (b) Filosofia; e (c) Ciências especiais. A filosofia é a subdivisão que acolhe a faneroscopia ou fenomenologia, as ciências normativas e a metafísica. Por fim, a semiótica encontra-se dentro das ciências normativas. Deste modo, a classificação das ciências se apresenta do seguinte modo:

1. Ciências da descoberta ou Heuréticas
    - 1.1. Matemática
    - 1.2. Filosofia
        - 1.2.1. Faneroscopia ou Fenomenologia
        - 1.2.2. Ciências Normativas
            - 1.2.2.1. Estética
            - 1.2.2.2. Ética
            - 1.2.2.3. Semiótica ou Lógica
        - 1.2.3. Metafísica
    - 1.3. Ciências especiais
2. Ciências da revisão
3. Ciências práticas

Esta classificação segue uma ordem lógica de dependência, segundo a qual as primeiras ciências servem de base para as seguintes. As primeiras são fundamentais e independem das outras. As segundas dependem das primeiras e as terceiras dependem de ambas anteriores. Assim, há uma relação de dependência dos níveis mais baixos aos níveis mais altos de

classificação. Dentro do ramo da Filosofia, a Fenomenologia apresenta-se como base fundamental para qualquer ciência. Ela meramente observa os fenômenos e, através da análise, postula as formas ou propriedades universais desses fenômenos. Segundo Santaella (1993), desta área devem nascer as categorias universais de toda e qualquer experiência e pensamento. Deste modo, as Ciências Normativas dependem da Fenomenologia para classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis, que a semiótica propõe cumprir através da observação de um determinado fenômeno.

> Entende-se por fenômeno qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, qualquer coisa que apareça, seja ela externa (uma batida na porta, um raio de luz, um cheiro de jasmim), seja ela interna ou visceral (uma dor no estômago, uma lembrança ou reminiscência, uma expectativa ou desejo), quer pertença a um sonho, ou uma ideia geral e abstrata da *ciência*, a fenomenologia seria, segundo Peirce, a descrição e análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano. (SANTAELLA, 1993, p. 32, grifo da autora)

Deste modo, não há nada mais aberto à observação do que os fenômenos. Tudo aquilo que aparece à percepção e à mente, correspondendo a algo real ou não, é um fenômeno. Assim, a segunda disciplina filosófica, as Ciências Normativas – que abarca a semiótica – intenta examinar fenômenos a partir do modo como agimos sobre os fenômenos e como eles agem sobre uma mente qualquer. Portanto, "a tarefa das ciências normativas é estudar as leis que relacionam os fenômenos com seus resultados" (KENT, 1987 apud BORGES, 2010, p. 29). Assim, o primeiro passo dado por Peirce no estudo da lógica foi o de definir categorias universais que deveriam estar presentes em todos os fenômenos. Estas categorias são, para Peirce, os três modos como os fenômenos aparecem à consciência – primeiridade, secundidade e terceiridade – e que compõem a natureza básica de todas as coisas, sejam elas físicas ou psicológicas. Essas categorias, como afirmado anteriormente, são as mais universalmente presentes em todo e qualquer fenômeno e, como tal, são conceitos simples de serem aplicados a qualquer objeto (SANTAELLA, 1983).

3.1. Categorias fenomenológicas

Em síntese, as categorias fenomenológicas configuram-se como ideias tão amplas que devem ser consideradas mais como método de aproximação do fenômeno do que como definições limitadoras. Ao contrário, as categorias são dinâmicas, interdependentes e, a cada fenômeno que observam, apresentam-se como ferramenta para começar a conhecê-lo e

descascar camada por camada até alcançar o limite possível de conhecimento do fenômeno. Nas palavras de Peirce,

> A Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, definitivamente e sem referência a qualquer outra coisa. Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo, mas independente de qualquer terceiro. Terceiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, ao trazer um segundo e um terceiro em relação entre si. (CP 8.328; SS:24 [1904] apud Borges, 2010, p. 39)

Deste modo, a qualidade apresenta-se como a primeira categoria universal. A primeiridade, portanto, precede toda síntese e toda diferenciação; na primeiridade não é possível distinguir partes, nem diferenciá-la de outro, pois, se fosse possível já seria um segundo. A qualidade aparece associada a um termo que ela qualifica, mas não há nada que explique a qualidade em si mesma. Porém, ao afirmá-la, a qualidade perde toda a sua inocência característica, porque afirmações sempre implicam a negação de uma outra coisa. Peirce diz que a única forma de conhecer uma qualidade é pelo seu contraste ou semelhança com outra qualidade. No entanto, este exercício já é um segundo em relação ao primeiro, pois a qualidade em si mesma, sem relação a nada não pode ser reconhecida, por ser, ela mesma, uma abstração.

A qualidade é o elemento fundamental, que independe de qualquer outro e não faz referência a nenhum correlato. O fato de que essa experiência não possa ser descrita não significa, em primeiro lugar, que não possa ser indicada ou imaginativamente criada. Em segundo lugar, há necessariamente uma consciência imediata e, consequentemente, um sentimento em qualquer coisa que esteja na mente em qualquer momento. Deste modo, "consciência em primeiridade é *qualidade de sentimento* e, por isso, é primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos" (SANTAELLA, 1993, p. 46, *grifo da autora*). Por fim, a primeiridade relaciona-se com o acaso, a possibilidade, a qualidade, o sentimento, a originalidade, a liberdade e à mônada.

Nesta perspectiva, a primeiridade configura-se como um quase-signo do mundo, como a primeira forma rudimentar, vaga imprecisa e indeterminada de predicação das coisas. Deste modo, é preciso que o fenômeno tenha uma corporificação material, a factualidade do existir, pois a qualidade é apenas uma parte do fenômeno que necessita estar encarnada numa matéria. "Isso significa que a primeira coisa que pode ser dita a respeito de todo fenômeno é que ele deve ter alguma qualidade, a segunda é que ele tem um modo particular de existir e a terceira é que ele é capaz de estabelecer relações" (MÜLLER, 1994 apud BORGES, 2015, p. 4). Por conseguinte, qualquer sensação já é secundidade: ação de um sentimento sobre uma mente e

sua reação. Portanto, a secundidade é ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. Por fim, a terceiridade aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, correspondendo, assim, à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. Nesta medida, para nós tudo é signo, qualquer coisa que se produz na consciência tem caráter de signo. Resumindo,

> A primeiridade corresponde ao acaso, originalidade irresponsável e livre, variação espontânea; a secundidade corresponde à ação e reação dos fatos concretos, existentes e reais, enquanto a terceiridade diz respeito à mediação ou processo, crescimento contínuo e devir sempre possível pela aquisição de novos hábitos. A terceiridade pressupõe a secundidade e a primeiridade. A primeiridade é livre. Qualquer relação superior a três é uma complexidade de tríades. (SANTAELLA, 1983, p. 39)

3.2. A relação triádica

Como apresentado anteriormente, as três categorias fenomenológicas – primeiridade, secundidade e terceiridade – estão inseridas na base de todo e qualquer signo, pois são comuns a todas as coisas. “Pela qualidade, tudo pode ser signo, pela existência, tudo é signo, e pela lei, tudo deve ser signo. É por isso que tudo pode ser signo, sem deixar de ter suas outras propriedades” (SANTAELLA, 2002, p. 12). Quando qualquer coisa funciona como signo cujo fundamento é de uma qualidade, este signo é chamado quali-signo, ou seja, é uma qualidade que se configura como um signo. A propriedade de existir, que dá ao que existe o poder de funcionar como signo, é chamada de sin-signo, cujo prefixo "sin” significa singular. Quando algo tem a propriedade de lei, recebe na lógica semiótica peirceana o nome de legi-signo. Todo legi-signo para funcionar como tal precisa de um caso singular que se conforma à generalidade da lei chamado de réplica. Assim, acima estão descritas as três propriedades que habilitam as coisas a agirem como signos.

O que seria, então, um signo? Ao longo da extensa obra peirceana, pode-se encontrar mais de uma centena de variantes da definição. Para Ransdell, esta enorme quantidade de variantes não se tratam de definições fixas e limitantes, “mas são muito mais tentativas de *definições reais*, isto é, descrições dos fenômenos nos seus aspectos mais fundamentais e com respeito às várias facetas que eles exibem a partir de vários pontos de vista” (1983 apud SANTAELLA, 2000, p. 11, *grifo do autor*). Deste modo, as formulações propostas por Peirce parecem, à primeira vista, muito diferentes, mas não são necessariamente incoerentes entre si. Estas variações das definições são, na verdade, “descrições da mesma coisa tal como é percebida em seus modos mutuamente consistentes e complementares” (ibid).

A definição amplamente conhecida do signo peirceano configura-se na seguinte formulação: “Signo é alguma coisa que representa algo para alguém” (SANTAELLA, 2000). Para a autora (ibid), apesar de tal formulação parecer ter o poder de facilitar o caminho da compreensão, ao contrário, ela opõe-se àquilo que o rigor teórico de uma definição intenta alcançar, ou seja, “a descrição formal de um fenômeno *in abstracto*, de modo a permitir o mais amplo e dilatado campo de aplicações possíveis a fenômenos singulares e concretos que se enquadram na classe geral que a definição recobre” (ibid, p. 11, *grifo da autora*). Os primeiros problemas que podemos perceber nesta formulação é a relação entre o signo que representa algo a *alguém*. A utilização da palavra *alguém*, portanto, limita a ação do signo a uma mente unicamente humana, ou seja, um pensamento bastante antropocentrista.

Porém, a ideia de Peirce ao propor uma teoria tão abstrata quanto a semiótica seria a de tirar o homem do centro de todo pensamento filosófico e considerar as diferentes formas que um signo pode afetar uma mente qualquer. Deste modo,

> Um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante. (CP 6.347 apud SANTAELLA, 1983, p. 58)

Nesta perspectiva, o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Pois o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto que ele representa. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa medida que afetará uma mente interpretadora qualquer. Ou seja, “a relação deve consistir de um poder do signo para determinar algum interpretante, como sendo signo do mesmo objeto” (CP 1.542 apud SANTAELLA, 2000, p. 13). Assim, a lógica peirceana aponta para o caráter mais essencial de um engendramento lógico que se instaura entre três termos (signo-objeto-interpretante) e que põe em destaque as relações de determinação do signo pelo objeto e do interpretante pelo signo (SANTAELLA, 2000).

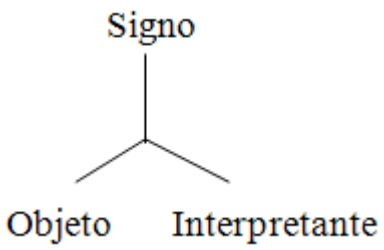

Imagem 1: Relação triádica

Apesar da palavra *signo* apresentar algumas analogias com quaisquer ideias pré-teóricas desse termo, o que Peirce visava, na realidade, era "a construção de uma moldura analítica abstrata, submetendo, para tal, os três termos a um refinamento teórico capaz de iluminar a relação sígnica ou triádica como a forma ordenada de um processo lógico" (SANTAELLA, 2000, pp. 14-15). Assim, o termo *objeto* apresenta alguma similaridade com o que ordinariamente é entendido por objeto e o termo *interpretante* também mantêm alguma semelhança com o que ordinariamente recebe o nome de interpretação. Porém, como discutido anteriormente, estes termos não fazem parte de uma visão antropocêntrica, mas configuram, acima de tudo, termos que compõem um pensamento lógico.

Portanto, o que está sendo definido não é simplesmente a palavra signo, ou objeto, ou interpretante, mas a relação de representação como forma ordenada de um processo lógico. Tanto é assim que, numa relação triádica genuína, não só o signo, mas também o objeto, assim como o interpretante são todos de natureza sígnica. Ou seja, todos os três correlatos são signos, sendo que aquilo que os diferencia é o papel lógico desempenhado por todos eles na ordem de uma relação de três lugares. Nessa relação triádica, o signo ocupa a posição do primeiro relato do qual o objeto é o segundo e o interpretante, terceiro. Neste sentido, se o primeiro correlato é enfatizado, a relação é de significação ou representação; se o segundo é posto em evidência, a relação é de objetivação e se o terceiro é enfatizado, tem-se uma relação de interpretação. Resumidamente, um signo é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém.

O objeto, portanto, é determinante do signo ao mesmo tempo que é aquilo que o signo, de alguma forma, representa, revela ou torna manifesto. Ele não é necessariamente algo que poderíamos conceber como um individual concreto e singular, pois ele pode ser um conjunto ou coleção de coisas, um evento ou ocorrência, ou ele pode ser da natureza de uma ideia ou uma abstração (SANTAELLA, 2000). O signo é, então, um primeiro que vai mediar o objeto a uma mente qualquer. Segundo Souza e Drigo (2013), o signo vincula-se ao objeto a partir de

um determinado aspecto, não em sua totalidade, pois caso pudesse abarcar todos eles, o signo seria o próprio objeto. “Isso implica que, não podendo tomá-lo por inteiro, o signo está sempre em falta com o objeto e a tentativa de pagamento dessa dívida aciona a geração de interpretantes” (ibid, p. 38). Em outras palavras,

> a ação lógica do objeto é a ação do signo. E a ação do signo é funcionar como mediador entre o objeto e o efeito que se produz numa mente atual ou potencial, efeito este (interpretante) que é mediatamente devido ao objeto através do signo. A mediação do signo em relação ao objeto implica a produção do interpretante, que será sempre, por mais que a cadeia dos interpretantes cresça, devido à ação lógica do objeto, a ação mediada pelo signo. Nessa medida, a referência do signo ao objeto não é dependente de qualquer interpretação particular. Ao contrário, é uma propriedade objetiva do signo, propriedade de autogeração que lhe dá o poder de produzir um interpretante, quer este seja, de fato, produzido ou não. É por isso que não se pode tomar a expressão “efeito que se produz numa mente” como explicativa do interpretante, mas sim o contrário. (SANTAELLA, 2000, pp. 24-25)

O interpretante, por sua vez, é determinado pelo signo ou pelo próprio objeto através da mediação do signo. A noção de interpretante não se refere ao intérprete do signo (pessoa que realizaria o processo de interpretar algo), mas refere-se a um processo lógico que é criado em uma mente qualquer. “A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora um outro signo que traduz o significado do primeiro” (SANTAELLA, 1983, pp. 58-59). Portanto, pode-se concluir que o interpretante é, na verdade, um outro signo que mantém com o objeto uma relação de representação similar assim como o signo mantém uma relação de determinação com o objeto. Deste modo, o signo funciona como um mediador entre o objeto e o interpretante (SANTAELLA, 2004).

3.3. Ferramenta investigativa

Peirce concebeu a semiótica como uma disciplina lógica que intenta mapear, classificar e analisar processos sígnicos. Ao entender as classes de signos peirceanas como um sistema ordenado de signos que apresenta as relações necessárias para que uma mediação aconteça, pode-se concluir que este sistema se apresenta como uma ferramenta metodológica que busca desvendar o que são e como operam os signos e, por meio deles, o próprio pensamento. Consequentemente, será possível perceber os modos pelos quais podemos compreender as coisas. Para Borges (no prelo, *tradução nossa*),

> a análise semiótica pode nos ajudar a compreender os fenômenos, pois permite, primeiramente, identificar características particulares do signo e, segundo, permitir o

> reconhecimento de um processo sígnico através da relação entre classes de signos, que mostra a possível formação de categorias gerais e de conceitos.

Deste modo, cada sistema sígnico é um conjunto de classes de signos relacionados entre si que mostram como um signo pode funcionar. Para explicar o funcionamento dos signos, Peirce utiliza duas classificações: uma diz respeito ao fundamento do signo, baseada nas três categorias fenomenológicas (primeiridade, secundidade e terceiridade), e a outra diz respeito à forma ou estrutura dos signos, que é dividida em tricotomias (BORGES, 2010). As tricotomias são aspectos segundo os quais os signos podem ser observados. Esses aspectos dizem respeito à natureza dos termos que constituem o signo e das relações estabelecidas por esses termos. As tricotomias apresentam modalidades conforme as três categorias universais: a modalidade da tricotomia anterior determina a modalidade da tricotomia que segue.

Dentre todas as tricotomias, há uma à qual Peirce dedicou boa parte de sua pesquisa. Ao tomar a relação do signo com seu objeto, temos: ícone em nível de primeiridade, índice em secundidade e símbolo em terceiridade. Porém, para esta pesquisa em particular, serão abordadas apenas aspectos qualitativos da relação do signo com seu objeto em nível de primeiridade: as relações icônicas. O ícone para esta pesquisa mostra-se valioso por apresentar qualidades da primeira categoria fenomenológica.

Como visto anteriormente, falar em primeiridade configura-se em tratar algo como possibilidade, em falar sobre a livre associação de emoções e de prazer. Ao falar sobre sexualidade, estamos falando de rituais, linguagens, fantasias e representações que se configuram como elementos emotivos e prazerosos. Deste modo, a sexualidade está relacionada a processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 2000). Assim, a iconicidade será utilizada para investigar os processos sígnicos do site, pois esta categoria corresponde à "partícula primeira e concreta do processo perceptivo" (SOUZA; DRIGO, 2013, p. 88).

O ícone, portanto, apresenta propriedades monádicas (qualidade em primeiridade). Para Peirce, a primeira categoria – a qualidade de sentimento – não apresenta relação com nada. Assim, uma vez que a propriedade monádica é não-relacional, a única ligação possível que o ícone pode ter com seu objeto, em virtude de tal propriedade, é aquela de ser idêntico a seu objeto. Porém, não em todos os aspectos, pois, se assim o fosse, seria o objeto em si. Portanto, "um signo é um ícone se ele se assemelhar ao seu objeto e se a qualidade ou caráter, no qual essa semelhança está fundada, pertencer ao próprio signo, quer seu objeto exista ou não" (SANTAELLA, 2000, p. 110).

Porém, em 1903, Peirce distingue o ícone em duas subdivisões: o ícone puro (aqueles que não atuam como signo, pois não possuem um objeto existente) e o hipoícone, também

chamado de ícone atual ou signo icônico. O hipoícone configura-se como “aqueles que atuam como signos, pois possuem um objeto existente” (BORGES, 2017, p. 219). Essa diferenciação acontece, pois Peirce considera que “antes da existência de qualquer coisa, é preciso que haja a possibilidade dela vir a existir. Essa afirmação baseia-se na lógica das categorias, pois a secundidade, modo de existência, depende da primeiridade” (ibid). Desse modo, o ícone puro configura-se apenas como uma possibilidade hipotética.

O signo icônico, por sua vez, diz respeito a algo que já se apresenta como signo, um existente, representando alguma coisa e, como tal, intrinsecamente triádico. Sendo triádico, o signo icônico ou hipoícone terá três faces que correspondem: (1) à imagem; (2) ao diagrama; e (3) à metáfora. Segundo Peirce,

> as imagens participam de simples qualidades ou Primeiras Primeiridades. Os diagramas representam as relações principalmente relações diádicas ou relações assim consideradas – das partes de uma coisa, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes. As metáforas representam o caráter representativo de um signo, traçando-lhe um paralelismo com algo diverso. (CP 2.277 apud SANTAELLA, 2000, p. 120)

Deste modo, a imagem icônica relaciona-se com o objeto em nível de aparência. “São as qualidades primeiras – formas, cor, textura, volume, movimento – que entram em relações de similaridade e comparação, tratando-se, portanto, de similaridades na aparência” (SANTAELLA, 2000, p. 120). Assim, a qualidade representativa deste hipoícone reside na captura de qualidades simples do objeto, pois desconsidera-se tudo aquilo que possa estar além ou aquém do modo como algo se apresenta aos sentidos em nível de primeiridade. Assim, as imagens caracterizam-se como “qualidades que se oferecem ao nosso olhar e entram em relação de semelhança e comparação” (SOUZA; DRIGO, 2013, p. 91).

Nos diagramas, por sua vez, a aparência não se configura como determinante, pois a similaridade nas relações internas entre signo e objeto são aspectos determinantes neste tipo de relação. “Não são mais as aparências que estão em jogo aqui, mas as relações internas de algo que se assemelha às relações internas de uma outra coisa” (SANTAELLA, 2000, p. 120). Deste modo, pode ou não haver algo na aparência que faça lembrar o objeto ou fenômeno que este hipoícone representa. A semelhança configura-se nas relações entre as partes do signo e entre as partes do objeto a que o signo se refere. “Uma vez que o elemento de referência neles se intensifica, os diagramas são hipoícones no nível de secundidade” (ibid).

Portanto, as imagens caracterizam-se pela similaridade na aparência em nível de primeiridade, e os diagramas pela similaridade de relações, em secundidade. Já as metáforas estabelecem um paralelo entre o caráter representativo do signo e o caráter representativo de

um possível objeto; caracterizam-se, portanto, pela similaridade de significados. “A metáfora estabelece uma semelhança por meio de um paralelismo com algo externo ao signo e ao objeto” (BORGES, 2017, p. 221). Deste modo, por serem hipoícones de terceiridade, “há sempre uma forte dose de mentalização e acionamento de significados nas metáforas” (SANTAELLA, 2000, p. 120). Para Souza e Drigo,

> as metáforas constroem novos significados ao associar o caráter representativo do signo com o de um possível objeto. Elas aproximam o significado de duas coisas distintas e transferem, transformam, mudam a linguagem literal (denotativa) para a figurada (conotativa). (2013, p. 97)

Resumindo, os hipoícones peirceanos se apresentam do seguinte modo:

HIPOÍCONE	Imagem: *Similaridade na aparência*	Representa seu objeto, pois apresenta similaridades no nível da qualidade (forma, cores, textura).
	Diagrama: *Similaridade nas relações*	Representa relações das partes de uma coisa, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes.
	Metáfora: *Similaridade no significado*	Faz um paralelo entre o caráter representativo de um signo – seu significado – e algo diverso dele.

Tabela 1: Parte da tabela “Os tipos de ícones” apresentado no livro *Aulas de semiótica peirceana* da Luciana Souza e Maria Drigo, 2013, p. 90.

Pode-se concluir que o signo icônico ou hipoícone quando se faz signo e, assim, classificado na sua relação com o objeto, demanda operações mentais na geração de interpretantes. Nesta medida, será preciso investigar mais a fundo como os objetos e os interpretantes se configuram no pensamento peirceano para análise posterior do site. Peirce divide os objetos em dinâmico e imediato. Numa semiose, o objeto dinâmico nunca será alcançado, pois ele é externo ao signo e toda a experiência que podemos ter com ele é mediada/dada pelo signo. Deste modo, apenas temos contato com o objeto imediato, pois ele é interno ao signo por determinação do objeto dinâmico. Assim, “[o objeto dinâmico] é um objeto externo ao signo que determina o signo ao determinar o objeto imediato que é interno ao signo” (BORGES, 2017, p. 224).

Porém, os conceitos de objetos dinâmico e imediato foram esboçados nos trabalhos de Peirce após à elaboração e descrição de sua primeira tricotomia: ícone-índice-símbolo. Quando Peirce determina três classes referentes à relação do signo com o objeto, ele descreve este objeto como algo que é representado pelo signo e que o afeta de um determinado modo. Assim, “o

signo vincula-se ao objeto a partir de um determinado aspecto, não pela totalidade dos aspectos" (SOUZA; DRIGO, 2013, p. 38). Portanto, este objeto descrito por Peirce em sua primeira tricotomia parece possuir maiores qualidades do que as representadas pelo signo nesta relação. Quando Peirce divide os objetos, então, pode-se concluir que o objeto ao qual Peirce se refere ao classificar o signo em ícone, índice ou símbolo aproxima-se mais da ideia de objeto dinâmico à ideia de objeto imediato. Resumindo:

> O objeto dinâmico é aquele que, do lado de fora do signo, no mundo "real", determina o signo. O que faz a ponte do signo até o objeto dinâmico é o objeto imediato e assim o faz com a preponderância de algum aspecto que o fundamento ou natureza do signo impele. Se o fundamento do signo for uma qualidade, ele capturará do objeto dinâmico, via objeto imediato, uma aparência, ou algo que apenas sugere o objeto dinâmico. Se a natureza do signo for a de ser existente, sua conexão com o objeto será factual e o signo indica, aponta para o objeto dinâmico; finalmente, se o signo tiver caráter de lei, ele vai representar o objeto dinâmico. Cada uma dessas formas de referência ao objeto será retomada quando do exame do ícone, índice e símbolo — modos de o signo se relacionar com o objeto dinâmico. (SOUZA; DRIGO, 2013, pp. 43-44)

Deste modo, o objeto dinâmico (também chamado de objeto dinamóide), por sua relação com a tricotomia icônica-indicial-simbólica, será revisitado na análise do site. Nesta perspectiva, as modalidades do objeto dinâmico podem ser: "signos de possibilidades ou *abstrativos*, signos de ocorrência ou *concretivos*, e signos de coleções ou *coletivos*." (Peirce 1908a: EP 2.489 apud BORGES, 2016, p. 253, *tradução nossa, grifos da autora*). Deste modo, um objeto dinâmico de primeiridade configura uma ideia ou conceito abstrato que funciona como objeto do signo. No caso, a palavra beleza pode ser tomada como um exemplo de signo abstrativo. Quando o objeto dinamóide se configura como uma ocorrência, "coisa Existente, ou fato atual do passado ou futuro" (HARDWICK, 1977 apud SANTAELLA, 2000, p. 44), o signo será um concretivo. Por fim, um signo coletivo será aquele cujo objeto dinâmico é na verdade uma coleção, como por exemplo a raça humana. (BORGES, 2016)

Quanto ao interpretante, há três divisões propostas por Peirce: o interpretante dinâmico, o imediato e o final. Na terminologia peirceana, "o que é imediato está do lado 'de dentro' do signo; o que é dinâmico, do lado 'de fora'" (SOUZA; DRIGO, 2013, p. 38). Deste modo, o interpretante imediato configura-se como um signo apto a produzir um efeito em uma mente qualquer. Não é efetivamente produzido, mas trata-se de "uma possibilidade inerente ao signo que lhe dá o potencial para significar" (ibid, p. 52). Ao contrário, o interpretante dinâmico produz, de fato, um signo em cada mente singular. Para Santaella (2004, p. 78), "quando o signo atinge um intérprete qualquer, produz-se na mente desse intérprete um efeito". Por fim, o interpretante final (ou normal) configura-se como uma tendência, contudo, não atingível

(SANTAELLA, 2004). Assim, “o termo final deve ser entendido como um limite ideal, logo inatingível.” (SOUZA; DRIGO, 2013, p. 52). Resumindo,

> o imediato é primeiridade, uma possibilidade inscrita no signo para significar; o dinâmico (interpretante produzido), secundidade, é o fato empírico da interpretação ou resultados factuais do entendimento do signo; o final é terceiridade, uma regra ou padrão para o entendimento do signo. O processo de interpretação de um signo genuíno incorpora necessariamente esses três momentos e, à maneira das três categorias, o primeiro prescinde do segundo e terceiro, o segundo precisa do primeiro e o terceiro do segundo e do primeiro. Os interpretantes imediato e final são *in abstracto* e o dinâmico é *in concreto*. (...) Nessa medida, todos os fatos empíricos de decifração de um signo são interpretantes dinâmicos. O interpretante final é aquilo para cuja direção o real tende. Sendo um limite ideal e abstrato, o interpretante final não depende estritamente de cada interpretante dinâmico efetivo. (SANTAELLA, 2000, pp. 75-76, *grifos da autora*)

Contudo, em seus escritos, Peirce também indicou outra divisão referente aos interpretantes. Os interpretantes imediato, dinâmico e final apresentam-se como parte integrante da estrutura do signo e contribuem para o melhor detalhamento deste processo de significação, enfatizando o propósito e a intencionalidade da semiose (BORGES, 2010). Já a tríade emocional-energético-lógico pode ser entendida como uma divisão derivada das três categorias fenomenológicas. Esta tríade foi sugerida por Peirce quando ele estava analisando os signos de pensamento, a fim de entender seu funcionamento (BORGES, 2016). Assim, os interpretantes emocional, energético e lógico enfatizam os efeitos semióticos. Estes interpretantes estão vinculados respectivamente ao sentimento, à reação e ao significado (SOUZA; DRIGO, 2013).

Nesta perspectiva, para os objetivos deste trabalho, parece ser interessante dar prioridade à segunda tríade proposta por Peirce, pelo fato de ser um sistema sígnico derivado das categorias fenomenológicas, apresentando um caráter mais abrangente. Por estarmos trabalhando com a tríade hipoicônica derivada do sistema triádico ícone-índice-símbolo, não estamos trabalhando com um sistema completo que analise todos os componentes da tríade sígnica. Ao priorizar a análise dos hipoícones, estamos focando em apenas uma relação: a do signo com seu objeto dinâmico. Não obstante, mostra-se importante entender as classificações propostas por Peirce acerca deste tipo de objeto. Afinal, “um signo é algo que tem uma relação com a mente e com um objeto de modo que conduz ambos a certa relação um com o outro” (COLAPIETRO, 2014, p. 38). Deste modo, a percepção do interpretante e do objeto serão relevantes para o entendimento dos efeitos produzidos na mente do usuário.

4. A linguagem pedagógica acerca do prazer sexual feminino

O site *omgyes.com* propõe uma nova maneira prática – através de vídeos demonstrativos e interativos além de relatos pessoais das entrevistadas – de explorar as várias opções reais que as mulheres têm para sentir prazer. Como apresentado anteriormente, as pesquisas envolvidas em sexualidade feminina – sobretudo a masturbação – são realizadas com foco em comportamentos gerais ou mesmo em quais estímulos biológicos são afetados durante as atividades sexuais. Para Coleman (2002), a masturbação é fundamental para a compreensão da sexualidade, porém a ciência ainda não desenvolveu uma agenda de pesquisa abrangente em torno do assunto. Nesta perspectiva, o site baseia-se em uma pesquisa qualitativa realizada com uma amostra de mais de 1.000 mulheres entre 18 e 94 anos, em parceria com os pesquisadores da Escola de Saúde Pública e do Instituto Kinsey da Universidade de Indiana.[3]

O questionário foi realizado em junho de 2015 com foco em experiências relacionadas ao orgasmo, prazer sexual e masturbação genital. Através de um *survey* on-line e confidencial na plataforma *GfK KnowledgePanel®*, as participantes puderam indicar diversas preferências na masturbação genital como tipo de pressão, movimento e região. Segundo a pesquisa (HERBENICK et al., 2017), 18,4% das mulheres relataram que apenas o coito era suficiente para atingir o orgasmo, 36,6% relataram que a estimulação clitoriana foi necessária para o orgasmo durante a relação sexual e aproximadamente 36% indicaram que os orgasmos são melhores e mais intensos quando o clitóris é estimulado durante a relação sexual. Tais dados indicam a preferência das mulheres a estímulos clitorianos durante ou antes da relação.

Através de um pagamento único no valor de vinte e cinco dólares[4], o assinante possui acesso permanente aos sessenta e dois vídeos da plataforma, dos quais onze são interativos. O pagamento dá direito ao acesso à primeira temporada e financia as próximas pesquisas sobre a sexualidade feminina. O site apresenta doze episódios que intentam explorar em detalhes aspectos do prazer feminino a fim de combater preconceitos sobre as diferentes formas que as mulheres usam para sentir e aumentar o prazer. Há diferentes técnicas descritas em cada episódio, as quais possuem nomes variados ou são apenas fruto do linguajar popular. Para cada episódio, há um símbolo que acompanha a nomenclatura da técnica como mostrado na imagem que segue (imagem 2):

---

[3] HERBENICK; FU; ARTER; SANDERS; DODGE, 2017.
[4] Último acesso em 02/06/2019. Os valores podem alterar.

Imagem 2: Episódios

Estes elementos representam a primeira forma de configurar as informações no site. Dentro de cada painel, os usuários poderão acessar diversas informações sobre a técnica através de diferentes linguagens: relatos, diagramas, imagens, textos, entre outros. Para Souza e Drigo (2013, p. 38), "quando dizemos linguagem, fazemos referência a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação". Portanto, a linguagem inclui tanto a palavra escrita quanto articulada, como absorve também tantos outros sistemas de significação. Deste modo, a partir de uma observação e descrição prévia dos fenômenos constituintes da plataforma, pode-se perceber que a diversidade de linguagens utilizadas no site amplia o conhecimento acerca da sexualidade feminina e suas potencialidades. Através da utilização dos hipoícones (imagens, diagramas e metáforas) peirceanos, o site busca representar conceitos polêmicos e silenciados pela sociedade. A possibilidade de representar seu objeto por similaridade, não importando seu modo de ser, abre muitas portas para conhecer o assunto melhor.

Pode-se notar que o conceito de ícone peirceano tem sido amplamente utilizado no campo da comunicação. A análise dos aspectos qualitativos veiculados nas mensagens nos permite alcançar o primeiro modo de interpretação, configurando-se como um tipo de impressão sugestiva (BORGES, 2017). Deste modo, os signos icônicos apresentam um potencial sugestivo em toda e qualquer mensagem, "uma vez que todo signo existente possui qualidades e, consequentemente, seu primeiro potencial comunicativo está no nível sugestivo" (ibid, p. 218). A iconicidade está associada à primeira categoria fenomenológica. Segundo Souza e Drigo (2013, p. 71), "o método adequado ao fenomenólogo parece ser constituído pela coleta de elementos com incidência notável nos fenômenos, seguida da generalização dessas características". Portanto, é imprescindível a observação do fenômeno com o desenvolvimento de três faculdades: "ver", "atentar para" e "generalizar" (ibid). Para Santaella (2005, p. 15):

> A descrição é um tipo de discurso que basicamente busca reconstruir nas palavras as qualidades das coisas. Essas qualidades são captadas pelos nossos sentidos: olhos, ouvidos, tato, paladar, olfato. Assim, o que é descrito é tudo aquilo que nossos sentidos captam: as qualidades visualizáveis, sonoras, táteis, gustativas, olfativas. A essas qualidades se acrescentam aquelas que são produzidas em nossa imaginação, pois esta se constitui também em um órgão dos sentidos interiores e espirituais. A categoria lógica da primeiridade, em Peirce, diz respeito, entre outras coisas, ao aspecto qualitativo dos fenômenos. Portanto, a relação da descrição com a primeiridade impõe-se quase que naturalmente.

Assim, a extensa descrição das diversas linguagens utilizadas no site apresenta-se como método de investigação que possibilita a compreensão do tema. A seguir, os doze painéis serão

apresentados e analisados a fim de entender quais linguagens foram utilizadas como ferramentas pedagógicas no site.

4.1. Controle do orgasmo

O painel inicia apresentando três vídeos de mulheres distintas, cujos relatos apresentam a perspectiva da entrevistada em relação à técnica. A primeira, Amber, relata que o sexo mudou desde que ela teve filhos. No vídeo, ela relata que na adolescência, normalmente, participava de relações sexuais apenas para agradar o parceiro. Porém, quando ficou mais velha, Amber focou em tornar sua vida sexual em algo que ela gostasse. A técnica de controle do orgasmo foi apresentada a Amber por um amante que ela conheceu aos vinte e poucos anos. Em suas relações sexuais anteriores, a entrevistada nunca se sentiu confortável com sexo oral. “Eu não tinha paciência. Era, tipo, acabe logo com isso. Vamos logo para o sexo”, afirma Amber. A técnica descrita por Amber consiste em excitar-se até momentos antes de gozar e impedi-lo de forma repetitiva. Segundo a entrevistada, esta ação dá origem a orgasmos mais longos e mais intensos.

Ao contar um relato no qual o parceiro parou logo antes de Amber alcançar o clímax, a música calma e melancólica que acompanha o vídeo parou repentinamente e realizou um efeito sonoro de frustração. Em seguida, Amber continua o relato e menciona que o parceiro retomou o sexo oral, seguido pelo retorno da música. Santaella (2005) afirma que a linguagem sonora não tem o poder para representar algo que está fora dele – não tem capacidade de substituir algo, por exemplo, como no caso de signos indiciais. Porém, o som é altamente sugestivo, “o que fundamentalmente o coloca no universo icônico, onde operam as mais puras associações por similaridade” (ibid, p. 19). A combinação e mistura de linguagens verbais, visuais e sonoras constroem uma narrativa que causa um efeito emotivo no usuário. Os interpretantes emocionais descritos por Peirce intentam gerar uma aproximação entre entrevistada e usuário.

A segunda entrevista começa com uma narração em *off* da entrevistada, Zoey, relatando sua relação com o corpo enquanto o vídeo a mostra deitada em uma cama de barriga para baixo olhando para a câmera. Mas o relato em si acontece em uma sala na qual a entrevistada está sendo filmada, sob um plano americano, sentada no sofá. Há planos detalhe que mostram os dedos da entrevistada, algumas vezes seu sorriso, os olhos. A entrevistada relata que cresceu em uma família hispânica conservadora. Deste modo, sua relação com o próprio corpo sempre foi distante. Não se fala sobre sexo, não se conhece o próprio corpo, nem mesmo a menstruação era mencionada. “Eu não estava muito à vontade com o meu corpo durante meu crescimento, e

eu era muito desajeitada", relata Zoey. A entrevistada confessa que aprendeu a gozar rápido, pois foi condicionada: seus pais poderiam entrar no quarto a qualquer momento, o assunto é um tabu, "ou é ruim, é sujo gozar". O relato de Zoey reforça algumas das considerações presentes nas pesquisas realizadas por Coleman (2000), Madanikia (et al., 2013), Baršauskaitė (2018), entre outros, analisados na primeira parte deste trabalho.

Por gozar rapidamente, a entrevistada confessa que era insatisfatório, pois terminava rápido e ela sentia-se como se quisesse mais ou não estivesse satisfeita. O discurso da entrevistada reflete a ideia estigmatizada referente à masturbação devido aos discursos reguladores estabelecidos ao longo do tempo. Não obstante, para Atwood e Gagnon (1987 apud COLEMAN, 2002, p. 16, *tradução nossa*), "muitos aprendem sobre seus corpos e sua capacidade de resposta sexual com masturbação ao longo da adolescência e da idade adulta jovem", mostrando, assim, os benefícios do ato. Zoey relata que um dia quando estava prestes a gozar, ela parou. Ela desejava mais, ela queria essa estimulação clitoriana intensa, porém ela sabia que se fizesse isso, iria gozar. Ela esperou que a excitação diminuísse um pouco e então voltou a excitar-se novamente até chegar a um determinado ponto e parar novamente. Ela, então, entendeu que este processo de interrupção do orgasmo ajuda na construção de um orgasmo muito intenso.

A terceira, e última entrevistada deste painel, compara orgasmos a sorvetes: existem muitos sabores diferentes. Para ela, baunilha é como masturbação. Pois, sendo um sabor popular, sem muita abertura para diferença de sabor independente da marca, o consumidor sabe exatamente o que esperar. Neste sentido, Sidney faz esta comparação para o espectador/entrevistador entender que ela está no controle de sua própria masturbação. "Eu sei como vai ser", afirma Sidney. Contudo, em seguida a entrevistada relata que, em suas relações sexuais com parceiros, o sexo pode ser comparado a uma montanha-russa no qual o parceiro comanda o brinquedo e ela experiencia diferentes sensações ao longo do percurso. Deste modo, percebe-se que a entrevistada utiliza a metáfora para fazer-se entendida. Segundo Ferraz (2011), existe um certo consenso de que o hipoícone metafórico de Peirce inscreve-se totalmente no domínio da linguagem verbal. De fato, o que Sidney utiliza é uma metáfora verbal ao realizar um paralelismo entre o objeto – orgasmo – e o funcionamento de uma montanha-russa, assim como as sensações provocadas por este tipo de brinquedo e o sabor do sorvete de baunilha. Porém, a entrevistada também utiliza gestos para complementar sua fala (imagens 3 e 4). Assim, a fala da entrevistada, juntamente com seus gestos, intenta representar um paralelismo entre objetos. Em seguida, esta metáfora é transformada em diagrama no painel (imagem 5).

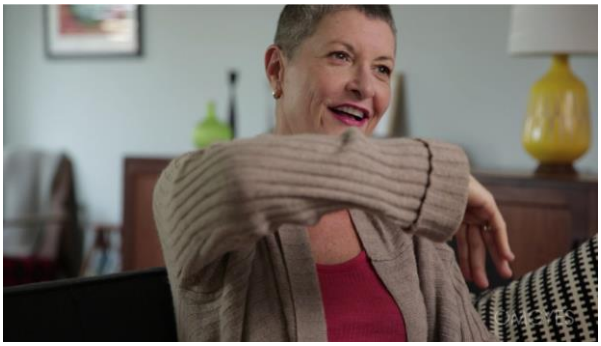

Imagem 3: Cena do relato de Sidney e Imagem 4: Cena do relato de Sidney

Imagem 5: Diagrama referente ao controle do orgasmo contínuo

Ao relembrar suas experiências sexuais, a entrevistada relata que seus melhores orgasmos foram aqueles que ela teve com outras pessoas. A entrevistada, então, volta a falar sobre a técnica de controle do orgasmo e a compara a uma montanha russa, novamente, no qual o parceiro é o condutor e ela é apenas a passageira. Nesta técnica, começa-se lentamente e, quando se está "quase lá", na beira de um orgasmo, você segura. O objetivo é reter o orgasmo para criar um maior e mais forte. Esta entrevista há tantas cenas complementares quanto a entrevista de Sidney. Estas cenas são feitas em ambientes diferentes: na cama e na sala. O vídeo é composto por diversos planos detalhe.

Estes primeiros vídeos apresentam como as entrevistadas entraram em contato com a técnica. Esta seção do painel é chamada de perspectivas e configura-se da forma mostrada pela imagem que segue (imagem 6): *thumbnails* das entrevistadas, cuja legenda apresenta seu nome e uma frase resumindo qual o foco dado pelo seu vídeo. No caso do relato de Amber, ela foi introduzida à técnica através de um parceiro, enquanto Zoey descobriu enquanto se masturbava, e Sidney compara a técnica a uma montanha-russa ao qual o condutor seria um parceiro e ela, passageira. Neste sentido, enquanto Amber e Sidney mencionam experiências sexuais com outras pessoas referindo-se à sexualidade como aspecto aprendido (LOURO, 2000), Zoey atém-

se a falar sobre sua relação com seu próprio corpo, executando um relato mais íntimo e psicológico que ilustra o conhecimento do próprio corpo por meio da masturbação (COLEMAN, 2002).

Imagem 6: T*humbnails* e legenda dos vídeos

A pesquisa (HERBENICK et al., 2017) na qual o site se baseia relata que a maioria das participantes identifica sua orientação sexual como sendo heteronormativa, representando 91.4% da amostra, cujo parceiro atual são predominantemente homens, representando 95% da amostra (tabela 2). Este é um número bastante representativo e pode indicar o motivo das entrevistadas mencionarem parceiros em seus relatos, assim como o fato de aprendermos e construirmos nossa sexualidade através de relações – sexuais ou não – com outras pessoas. Deste modo, a sexualidade "é tecida na rede de todos os pertencimentos sociais que abraçamos", como lembra Weeks (1995 apud LOURO, 2000, p. 21). Assim, ela não pode ser compreendida de forma isolada.

DADOS BÁSICOS DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

IDADE	
18-24	10,1% (107)
25-29	10,4% (110)
30-39	16,4% (173)
40-49	15,9% (167)
50-59	19,3% (204)
60-69	18,5% (195)
70+	9,3% (99)

ORIENTAÇÃO SEXUAL	
Assexual	0,6% (7)
Bissexual	4,8% (51)
Gay ou lésbica	1,6% (17)
Heterossexual	91,4% (965)
Outros	0,7% (7)

RELACIONAMENTO	
Solteira (sem compromisso)[5]	22,1% (234)
Solteira (com compromisso)	5,3% (56)
Em um relacionamento, mas não morando juntos	7% (74)
Em mais de um relacionamento	0,5% (5)
Morando junto, mas não casados	11,5% (122)
Casados	52,8% (557)
PARCEIRO ATUAL NO RELACIOMENTO	
Homem	95% (773)
Mulher	4,1% (33)
Homem trans (mulher para homem)	0,5% (4)
Mulher trans (homem para mulher)	0,2% (2)

Tabela 2: Dados coletados no questionário da pesquisa de Herbenick (et al., 2017)

Ao pensar nos interpretantes peirceanos, pode-se concluir que a estrutura recorrente dos vídeos impulsiona um interpretante emocional por construir uma narrativa emotiva através da música, do ambiente e dos relatos das entrevistadas. Segundo Borges (2010, p. 45), "o interpretante emocional corresponde ao sentimento produzido pelo signo, o primeiro efeito que o signo produz". Deste modo, os relatos apresentam a função de provocar um sentimento no intérprete. Um sentimento de aproximação, pois, ao falar de assuntos que são tabus na sociedade, o site visa a estabelecer uma relação entre o usuário e a entrevistada. Os relatos referentes à sexualidade das mulheres apresentam muitos discursos recorrentes na sociedade: a relação sexual deve agradar apenas o parceiro, as famílias não falam sobre sexualidade dentro de casa.

Deste modo, pode-se entender que a plataforma cria um ambiente amigável para o usuário sentir-se confortável para ler os conteúdos técnicos e íntimos que são apresentados. Assim, em seguida, o painel apresenta breve texto explicando melhor a técnica, pois, nos relatos apresentados anteriormente, as entrevistadas esboçam uma definição da técnica, mas não apresentam dados ou uma perspectiva científica. Assim, o site busca apresentar uma definição mais precisa sobre a técnica e introduz novas informações ao usuário. Neste primeiro painel, o site apresenta que "aproximar-se do orgasmo e impedi-lo, de forma repetitiva, dá origem a orgasmos mais longos e mais intensos para 65,5% das mulheres. Normalmente, apenas uma das três variações funciona bem para cada mulher." Assim, o site apresenta três variações diversas da técnica como será analisado a seguir.

[5] Na pesquisa de Herbenick (et al., 2017), as participantes precisavam indicar o seu status de relacionamento atual. O questionário apresenta duas opções para o status de solteira: (1) *not dating*; e (2) *dating/hanging out with someone*. Porém, como não há uma tradução adequada para tais termos, decidimos traduzir as opções para "sem" ou "com compromisso" pelo fato da expressão inglesa *dating someone* apresentar um certo nível de compromisso.

4.1.1. Variações

A primeira variação do painel apresenta uma explicação sobre o método e, segundo o site, “35% das mulheres que gostam de controlar o orgasmo usam o método de pausa”. Há um diagrama sobre o método ilustrando como a técnica consegue construir um orgasmo mais intenso. É interessante notar que o painel menciona algumas distrações na fase de pausa (ilustrado pela cor azul no diagrama apresentado – imagem 7) cuja perspectiva é de uma relação sexual com um parceiro: “carícias e *beijos nos mamilos* são ótimos, mas nada de toques lá embaixo” (*grifo nosso*). Segundo as perguntas frequentes do site, na pergunta “OMGYes é para mulheres? Homens? Casais?”, a resposta indica que aproximadamente metade dos usuários são mulheres, e a outra metade, homens. Algumas pessoas acessam o site sozinhas, outras com seus parceiros. Assim, o conteúdo do site mostra-se voltado para “qualquer pessoa que se preocupa com o prazer sexual feminino e quer explorá-lo mais”, segundo o site.

Imagem 7: Hipoícone diagramático

Este tipo de artifício pedagógico aproxima-se da ideia de diagrama peirceano por apresentar semelhanças estruturais com seu objeto (FARIAS, 2003). Neste caso, o objeto determinante do signo configura-se no conceito de orgasmo, e se debruça sobre um hipoícone

diagramático como ferramenta demonstrativa. Este objeto aproxima-se do conceito de signo de primeiridade por fazer referência a uma possibilidade (BORGES, 2010), configurando-se como um signo abstrativo. Pois, apesar da usuária tentar realizar esta técnica (ou praticar o movimento em uma parceira), não é garantido que ela irá alcançar o clímax. Assim, o diagrama faz referência a um objeto dinâmico possível, mas não concreto.

Em seguida, o painel apresenta um vídeo da entrevistada Amber demonstrando o método de pausa. Ela começa explicando o método ainda vestida, falando os passos que ela dá para começar a excitar-se. Intercalando este relato, há cenas complementares: close-up da caixa toráxica subindo e descendo (imagem 8) e outro close-up dos seus pés contraindo-se (imagem 9). Em seguida, ela tira a roupa e, então, começa a demonstração. Esta parte é explícita, então a câmera foca na vulva da entrevistada para capturar o movimento com precisão. Essas cenas são intercaladas com imagens enquadradas em seu rosto, pois, à medida que ela está demonstrando, ela explica oralmente quais os movimentos que ela está realizando.

Imagem 8: Cena do vídeo demonstrativo de Amber

Imagem 9: Cena do vídeo demonstrativo de Amber

Logo após os vídeos demonstrativos deste painel, há vídeos interativos, cujo intuito é colocar em prática o método explicado anteriormente. Assim, o vídeo é um close-up da vulva da entrevistada (imagem 10). Não é apenas uma imagem estática, há uma certa movimentação da caixa toráxica simulando a respiração da mulher. Ao tocar na vulva e fazer o movimento indicado por setas que simulam o caminho que o dedo do usuário deve tomar, a vulva sofre uma distorção, dando uma ideia de movimento e naturalidade. A voz da entrevistada – em um tom sensual – dá um direcionamento ao usuário se o movimento está sendo realizado corretamente ou não. Expressões como “hmmm, está bom”, “esse é o lugar” são utilizadas como resposta ao movimento realizado pelo usuário. Ao final da simulação, quando o usuário consegue levar a representação da entrevistada ao orgasmo, há um longo suspiro de alívio e prazer.

Este artifício pedagógico aproxima-se do conceito de hipoícone imagético por apresentar qualidades imediatas (FARIAS, 2013) referentes ao seu objeto dinâmico. Neste caso, a vulva da entrevistada é representada sem nenhuma diferença qualitativa do órgão genital capturado no vídeo demonstrativo. Também podemos compreender esta figura como um diagrama das relações entre grandes e pequenos lábios, clitóris e pelos pubianos que encontramos nos órgãos sexuais femininos. Deste modo, o diagrama possibilita ao usuário realizar os movimentos descritos na simulação ao identificar os componentes do objeto dinâmico. Ao atentarmos para os interpretantes peirceanos, pode-se concluir que a utilização das mesmas qualidades da vagina da entrevistada – capturada no vídeo demonstrativo – na imagem interativa não se mostra uma escolha aleatória. A escolha provoca interpretantes energéticos, pois é necessário um gasto de energia para realizar os movimentos aprendidos no vídeo demonstrativo.

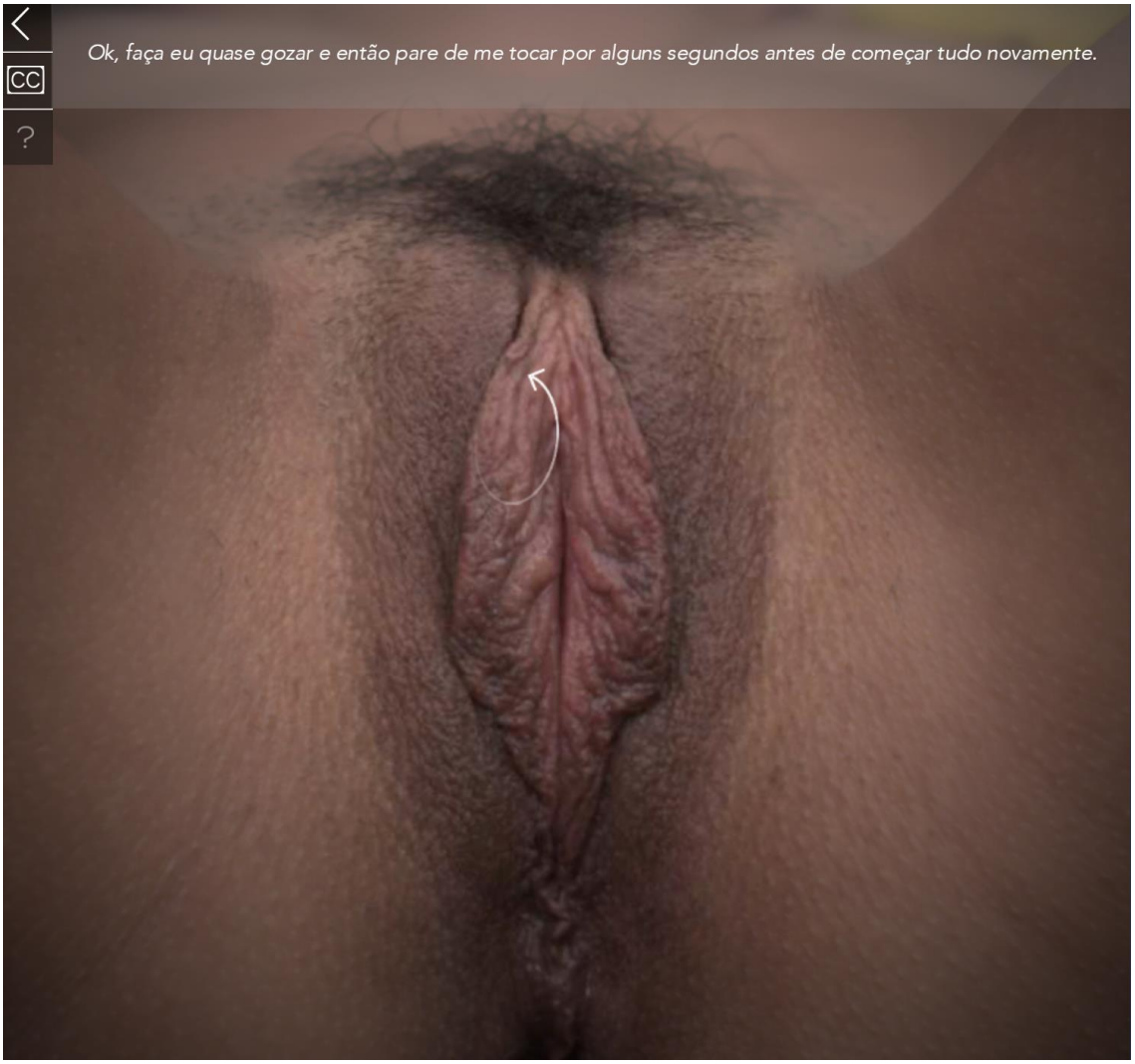

Imagem 10: Hipoícone imagético utilizado como linguagem pedagógica no vídeo interativo

Como os mesmos elementos são apresentados nas três variações do painel, não será preciso analisar cada elemento em particular. A apresentação desta primeira variação basta para entender a lógica utilizada no restante do painel. Ao final do painel, quando se encerra a explicação da técnica de controle de orgasmo e suas variações, há mais uma seção denominada "trazendo para o quarto", dividida em duas partes: (1) dicas úteis; e (2) desafios mais comuns. Esta parte do painel ilustra algumas dificuldades que as mulheres podem apresentar ao tentarem praticar esta técnica, mas apresenta algumas dicas para tentar driblar esses problemas. Utilizando uma linguagem amigável, esta seção busca tirar um pouco do desconforto que a usuária pode apresentar, pois, após chegar ao final do painel, parece haver uma sugestão de que é o momento de desligar o computador e tentar experimentar a técnica.

4.2. Ritmo

Neste painel, também são apresentados três vídeos de mulheres diferentes sobre suas percepções acerca da técnica de ritmo na seção denominada perspectivas. A primeira, Olivia, inicia seu relato com uma suposição: a maioria das mulheres não consegue gozar apenas com a penetração. Segundo Herbenick (2017), 36,6% (n = 347) das mulheres que participaram da pesquisa relataram que precisavam de estimulação clitoriana para atingir o orgasmo durante a relação sexual; 36% (n = 341) relataram que, embora não se exigisse estimulação do clitóris para o orgasmo durante a relação sexual, a estimulação melhorava o orgasmo; 18,4% (n = 174) relataram que a penetração vaginal sozinha durante a relação sexual era suficiente para o orgasmo. O restante, 9% das mulheres, relataram não ter orgasmos durante a relação sexual (7,5%, n = 71) ou descreveu outros padrões ou rotinas (por exemplo, estimulação do clitóris antes da relação sexual, orgasmo via cunilíngua seguido de relação sexual).

A entrevistada afirma que participa deste grupo de mulheres que consegue alcançar o orgasmo apenas com penetração. Ela relata que se sente incomodada com excitação clitoriana, pois imagina que seu clitóris seja muito sensível. O vídeo é construído pelo relato da entrevistada sentada em uma cama, porém há cenas dela andando pela cidade, arrumando-se em frente ao espelho (no caso, colocando um brinco), deitada na cama (com e sem roupas), close-up dos olhos e dos ombros. A entrevistada nunca olha diretamente para a câmera quando está dando o relato. Porém, nas cenas complementares, ela olha e sorri.

A segunda entrevistada, Jilian, relata que sua maneira de gozar é um tanto interessante. O seu método consiste em dar pequenas batidinhas próximo ao clítoris. Porém, na pesquisa

realizada por Herbenick (et al., 2017), 21,2% da amostra, ou seja, 202 mulheres apresentaram preferência por este tipo de masturbação. Esta parte da pesquisa apresentava quatorze alternativas e as participantes poderiam escolher mais de uma opção. Esta técnica descrita por Jilian ficou no quarto lugar de preferência pelas participantes. Pode-se concluir que há uma certa limitação de conhecimento das mulheres em relação aos métodos masturbatórios comuns.

Nesta entrevista, Jilian menciona que utiliza este método sozinha ou com um parceiro. Ela olha para a câmera em alguns momentos durante a entrevista, sentada em um sofá, e há apenas uma cena complementar na qual ela está no sofá deitada sem a blusa olhando para a câmera. A terceira entrevistada, Maria, relata que dá algumas batidinhas, como Jilian, para excitar-se. Porém, ao criar um ritmo, ela ignora algumas batidas de propósito para quebrar o padrão. Ela está sentada em uma cadeira conversando com a entrevistadora. Em nenhum momento ela olha para a câmera e não há cenas complementares. Neste vídeo em particular, podemos escutar a risada da entrevistadora.

Em seguida, o painel apresenta um breve texto falando sobre a técnica para poder adentrar nos tipos de ritmo. O painel apresenta quatro variações diferentes indicados por bolinhas azuis (imagem 11). Esta seção há como ser expandida para entender melhor cada uma das variações. Assim, cada variação tem seu texto explicativo e algumas apresentam aspas de algumas mulheres não nomeadas. As representações das variações feita através de elementos geométricos circulares apresentam uma semelhança estrutural com seu objeto, configurando-se, portanto, em um hipoícone diagramático. Para compreender este diagrama, é preciso pensar no conceito de ritmo para, então, realizar uma associação entre a aproximação dos círculos entre si e o funcionamento de uma atividade ritmada.

Deste modo, diferentemente do diagrama utilizado no painel anterior (imagem 7), o objeto dinâmico não se configura como o orgasmo, mas as ações necessárias para atingir o clímax. Nos relatos apresentados anteriormente, pode-se perceber que os modos de excitação realizados pelas entrevistadas são feitos através de toques ritmados no órgão sexual. Assim, o diagrama intenta representar visualmente este tipo de masturbação.

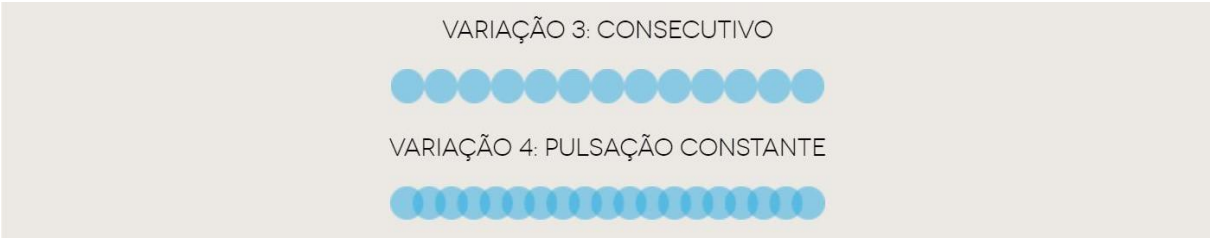

Imagem 11: Hipoícone diagramático

Em seguida, o painel apresenta vídeos demonstrativos de apenas duas entrevistadas. O primeiro vídeo começa com um relato em *off* enquanto a entrevistada arruma os cabelos olhando para a câmera. Ela menciona que quando está com um parceiro ela pega uma de suas mãos e coloca-a sob sua vagina pedindo para realizar batidas ritmadas. Em seguida, ela está despida, vestindo apenas um sutiã preto, sentada em um sofá apontando para o seu clitóris. O vídeo continua intercalando cenas em plano aberto e de close-up de seu órgão genital. O segundo vídeo segue o mesmo padrão. Há cenas complementares da entrevistada enquanto está fazendo seu relato. Em seguida, ela está despida na cama, realizando seu método de batidas ritmadas. O vídeo continua intercalando cenas em plano aberto e de close-up de seu órgão genital. Deste modo, a construção imagética dos vídeos demonstrativos, que focam na vulva da entrevistada, intentam reforçar as qualidades do órgão. Assim, esta linguagem aproxima-se do conceito peirceano de hipoícone imagético por apresentar inúmeras vezes as semelhanças do signo com seu objeto.

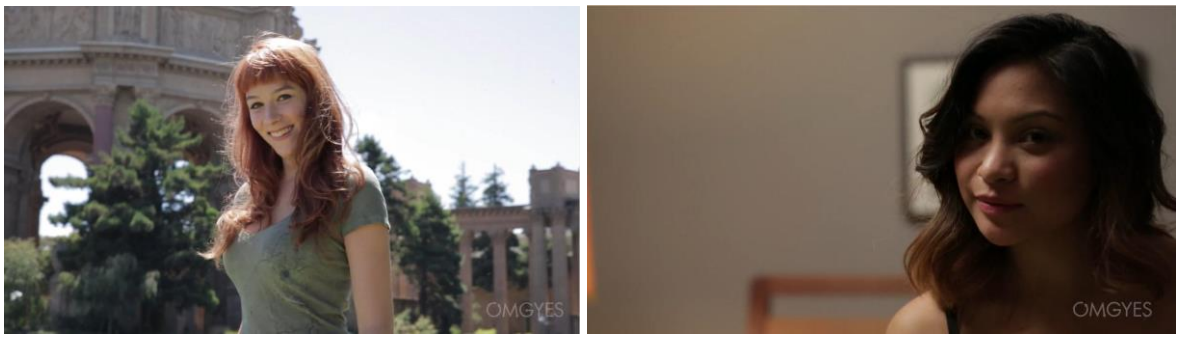

Imagem 12: Cenas dos vídeos demonstrativos

Por fim, o painel apresenta um único vídeo interativo que segue o mesmo padrão do vídeo explicado no painel anterior. Há a imagem da vulva da entrevistada com um movimento sutil de sua respiração ao fundo. Sua voz sensual guia o usuário dando respostas aos movimentos masturbatórios. Como este painel é sobre batidas ritmadas, o vídeo apresenta círculos em vez de setas para indicar em qual local a usuária deve pressionar a tela (imagem

13). Caso a usuária não esteja realizando as batidas ritmadas corretamente, a representação da entrevistada fala com uma voz suave: “Hmmm, tente colocar mais pressão” ou “Hmmm, um pouco mais devagar”. No final, há um longo suspiro de alívio e prazer, encerrando o vídeo. Por fim, o painel apresenta a seção “trazendo para o quarto” com as mesmas qualidades analisadas anteriormente.

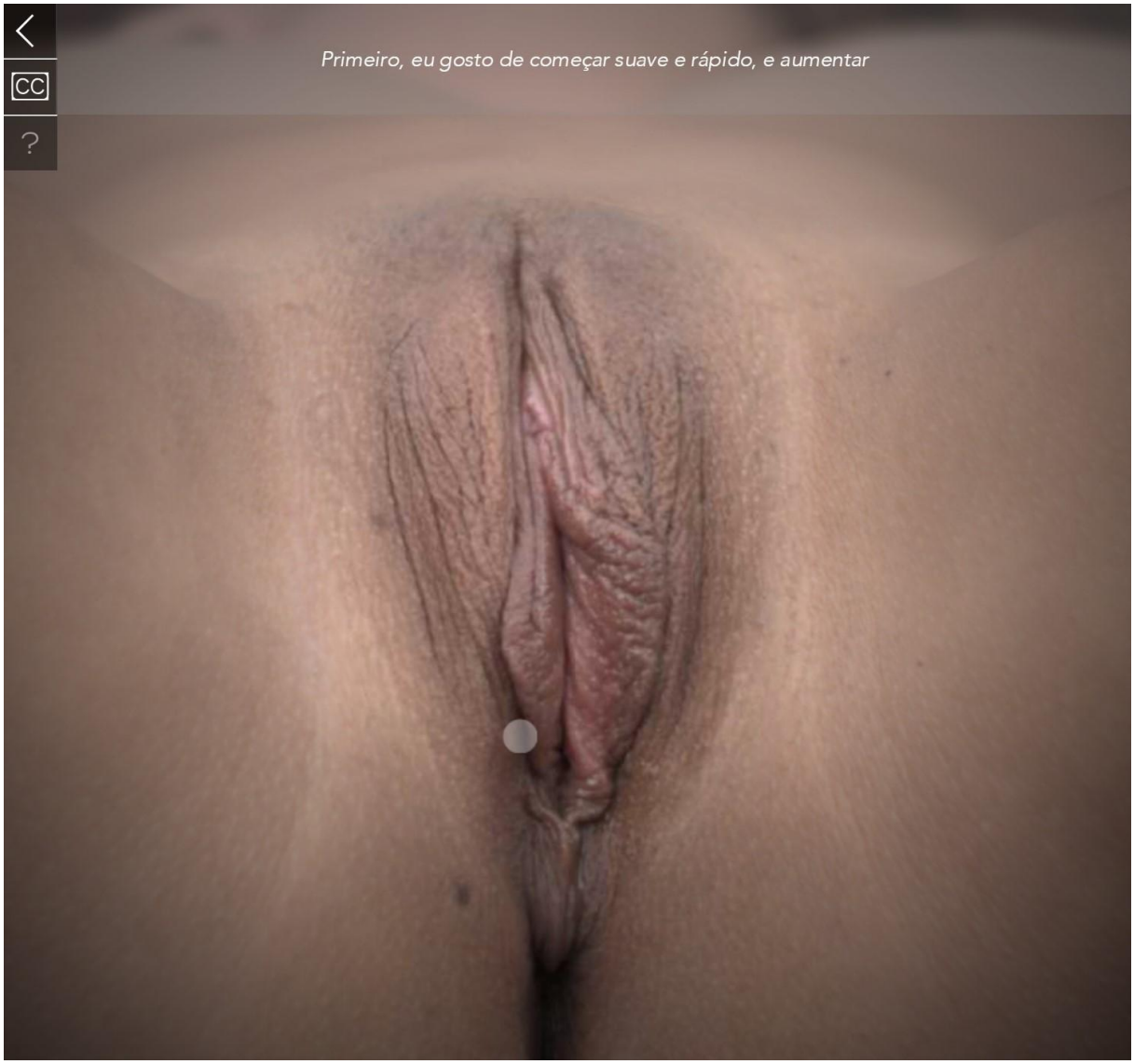

Imagem 13: Hipoícone imagético utilizando bolas como elemento pedagógico

4.3. Insinuação

Este painel apresenta algumas diferenças em relação aos painéis analisados anteriormente. O painel começa com um vídeo introdutório, não havendo separações entre os vídeos de perspectivas e demonstrações. São apresentados seis vídeos no total: quatro de Diana,

um de Samantha (primeira aparição) e um de Zoey, que já havia aparecido no painel de controle do orgasmo. O primeiro vídeo do painel apresenta o relato de Diana. A entrevistada diferencia dois tipos de orgasmos: pequenos grunhidos ou grandes explosões. Para Ferraz (2011, p. 71), a metáfora configura-se como um processo semiótico que poderia ser descrito como uma "designação de uma coisa pelo nome da outra". Deste modo, a explicação aproxima-se do hipoícone metafórico proposto por Peirce ao realizar um paralelismo entre orgasmo e uma explosão ou um grunhido. Para a entrevistada, o que os diferencia é a expectativa. Na metade do vídeo, aparece uma cena complementar de um close-up dos olhos da entrevistada aparentemente deitada em uma cama.

Os vídeos seguintes fazem parte da seção de variações da técnica de insinuação. A primeira variação (insinuação em toda a área genital) apresenta um diagrama da vagina com duas setas curvas em sentidos opostos acompanhado de um texto e de um dado percentual da quantidade de mulheres que gostam desta variação. Esta técnica consiste em "criar a sensação de antecipação e intensificar o prazer através de movimentos próximos a pontos sensíveis, tocando-os apenas ocasionalmente". Deste modo, o diagrama (imagem 14) representa o movimento e a área da região genital na qual o movimento deve ser realizado. O objeto dinâmico deste signo configura-se como a região íntima feminina, que vai desde o órgão sexual em si à região adjacente. Diferentemente dos diagramas das imagens 15 e 16, cujos objetos dinâmicos são, respectivamente, a região inferior da vagina e a região superior, que agrega o clitóris e o prepúcio.

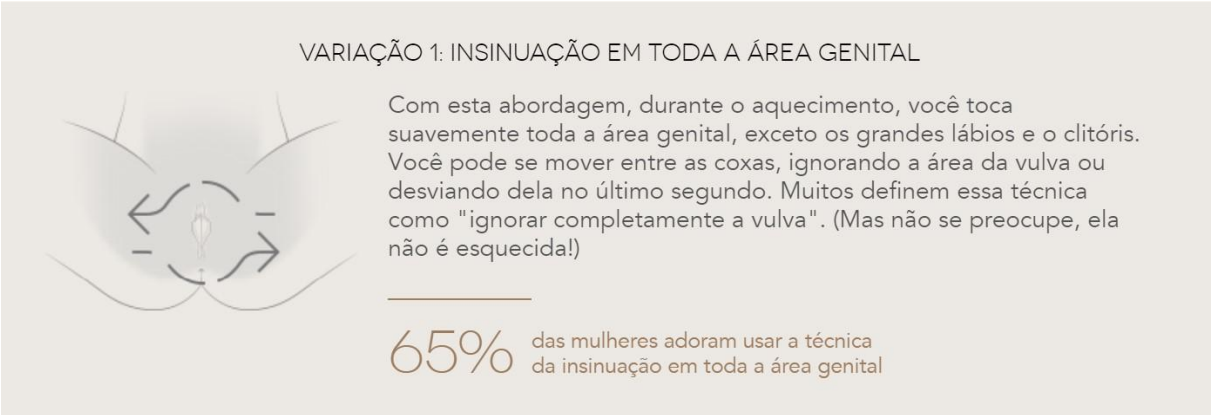

Imagem 14: Hipoícone diagramático, texto informativo e dado percentual

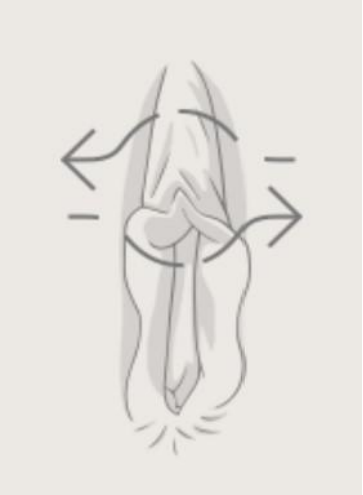

Imagem 15: Hipoícone diagramático e Imagem 16: Hipoícone diagramático

O segundo vídeo do painel é o de Samantha. No início, há cenas complementares dela passeando pela cidade. Ela está sendo entrevistada em uma cadeira dentro de um quarto. Apesar de ser o primeiro vídeo desta entrevistada, há cenas complementares demonstrando sua variação da técnica de insinuação. No final, há uma cena complementar dela deitada de bruços com os cabelos bagunçados e sorrindo. Ela não está depilada completamente e menciona que uma das técnicas que lhe agrada seria passar as mãos em seus pelos pubianos, provocando uma excitação devido à antecipação. No terceiro vídeo, Zoey já inicia o relato demonstrando a técnica. Quando ela está explicando, ela está sentada em um sofá vestindo uma blusa. Mas há cenas complementares nas quais ela está completamente pelada realizando a demonstração. Nos painéis anteriores, os vídeos apresentavam uma legenda que resumia o que a entrevistada estava falando. Mas neste painel, particularmente nesta seção da primeira variação, as legendas dos vídeos são aspas das entrevistadas (imagens 17 e 18).

Imagem 17: Legendas dos vídeos demonstrativos e Imagem 18: Legendas dos vídeos demonstrativos

O quarto e quinto vídeos são de Diana. O quarto vídeo faz parte da segunda variação – insinuação na entrada da vagina (imagem 15). Ela ainda está no momento de explicação da técnica. Ela está sentada em um sofá e, inicialmente, há cenas complementares do relato dela: um close-up nos gestos feitos pela mão, por exemplo. Depois aparece ela deitada no sofá vestindo um sutiã e fazendo a demonstração no dorso da mão. Na metade do vídeo, há algumas cenas complementares de Diana realizando a demonstração na qual ela está deitada no sofá

pelada e há, também, cenas próximas de sua vagina para capturar o movimento dos dedos. No relato, Diana menciona relações sexuais heteroafetivas, mencionando penetrações realizadas pelo pênis de um companheiro. No quinto vídeo (terceira variação – insinuação no clitóris), Diana continua explicando a técnica demonstrando no dorso de sua mão. Depois há algumas cenas de close-up em algumas partes de seu corpo nu deitado no sofá. Então, ela começa a explicar seu método em sua vagina. Neste momento, ela está deitada no sofá pelada e há muitas cenas próximas de sua vagina para capturar o movimento dos dedos. Há cenas intercaladas dela explicando no dorso de sua mão ainda vestida, mas depois volta à demonstração em sua vagina.

A terceira e última variação apresenta um vídeo interativo que intenta ensinar esta última variação da técnica. Diana havia demonstrado esta variação no vídeo anterior, então o vídeo interativo é a imagem da vagina de Diana com um movimento sutil de sua respiração ao fundo. Sua voz sensual guia o usuário dando respostas aos movimentos masturbatórios. O vídeo começa com a voz num tom sensual da entrevistada indicando qual o tipo de variação que ela deseja e o vídeo apresenta setas indicando o movimento a ser realizado. No final, há um longo suspiro de alívio e prazer também, encerrando o vídeo. Por fim, o painel termina com a seção "trazendo para o quarto" seguindo o mesmo padrão dos painéis anteriores.

4.4. Consistência

Neste painel, há três mulheres que dão seu relato acerca da técnica de consistência na seção sobre perspectiva. Os vídeos seguem os mesmos padrões analisados anteriormente. São apresentados relatos pessoais das entrevistadas com cenas complementares em *off* intercaladas. Assim, não será preciso descrevê-los novamente. Em seguida, o painel apresenta as variações da técnica de consistência. Neste caso, quando falamos em consistência, pensamos em algo que não muda, continua igual. Então, o que poderia ser apresentado como variações desta técnica? Este painel, em vez de apresentar métodos diferentes, apresenta diferentes tópicos que se referem a: (I) quando a consistência é essencial; (II) um relato sobre como "apenas continuar igual" faz toda a diferença; e (III) sete maneiras de manter a consistência.

A parte inicial da seção de variações apresenta uma descrição textual sobre a aproximação do orgasmo e sobre a importância de manter a consistência neste momento, aspas sem identificações e um diagrama simples (imagem 20) sobre como a consistência na aproximação do orgasmo ajuda na construção do prazer. Este diagrama apresenta qualidades parecidas com o hipoícone diagramático da imagem 4: são apresentadas qualidades estruturais que aproximam o signo do seu objeto. Porém, este diagrama apresenta semelhanças estruturais

de um objeto dinâmico diferente. Este diagrama refere-se aos momentos que antecedem o clímax. Não se trata do movimento em si, mas da sensação causada pela consistência dos movimentos.

Imagem 19: Hipoícone diagramático

4.5. Surpresa

Neste painel, há apenas uma mulher em todas as categorias (perspectiva, demonstração e vídeo interativo). No início do vídeo, a entrevistada, Sonya, aparece andando pelas ruas com seu relato em *off*. Depois há close-ups dos seus olhos e o enquadramento move até o seu sorriso. Ela está sendo entrevistada em um sofá e as cenas seguintes são intercaladas por cenas do seu relato e close-ups de suas mãos. Há cenas em que ela aparece deitada no sofá, ainda vestida, sorrindo para a câmera. Em seguida, há a seção de variações desta técnica: (I) surpresa constante e (II) série surpresa (imagem 20 e 21, respectivamente). Essa seção é ilustrada com diferentes elementos geométricos caracterizando diferentes movimentos combinados. Há, também, uma parte de explicação textual juntamente com um dado percentual da quantidade de mulheres que gostam da técnica de surpresa.

Imagem 20: Hipoícone diagramático e Imagem 21: Hipoícone diagramático

Apesar de não ser um dos objetivos deste trabalho, é interessante perceber atributos simbólicos neste tipo de linguagem. Segundo Peirce (CP 2.245 apud SOUZA; DRIGO, 2013), “um símbolo é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais, que atua para fazer com que esse seja interpretado como uma referência a esse objeto”. Deste modo, as representações geométricas aproximam-se do nível simbólico ao estabelecerem uma associação com os diferentes tipos de movimentos e suas combinações, ou seja, seu objeto. Portanto, percebe-se que a plataforma utiliza elementos codificados como instrumento pedagógico de associação de ideias.

Estes diagramas assemelham-se ao hipoícone diagramático da imagem 11, que apresenta elementos geométricos para se referir ao movimento. No caso das imagens 20 e 21, os elementos não estão espaçados entre si para passar a ideia de ritmo, mas são apresentadas mais de uma forma geométrica, representando a variedade de movimentos possíveis. Assim, os diagramas apresentam semelhanças estruturais com a variedade de movimentos, neste caso, seu objeto dinâmico. Segundo Herbenick (et al., 2017), 41% da amostra indica preferência a apenas um tipo de movimento durante a masturbação, como demonstrado na tabela abaixo (tabela 3).

NÚMEROS DE ESTILOS DE TOQUES UTILIZADO	
Nenhum	4,7% (44)
1	41% (391)
2	15,1% (144)
3	16% (153)
4	8,2% (79)
5	4,6% (44)
6	3,1% (29)
7	1,7% (16)
8	2,1% (20)
9	0,9% (9)
10	0,5% (4)
11	0,4% (3)
12	1,9% (18)

Tabela 3: Dados retirados da pesquisa de Herbenick (et al., 2017).

O vídeo de demonstração pertence à segunda variação na qual aparece uma única cena externa e depois segue para a demonstração em si. Há cenas em que a entrevistada está pelada e outras em que ela está vestindo um sutiã. Quando ela ainda está com o sutiã, ela demonstra em sua mão o movimento e, nas cenas em que está pelada, ela demonstra na sua vagina havendo close-ups do órgão para capturar o movimento realizado por ela. O vídeo interativo segue o

mesmo padrão descrito previamente neste trabalho. Porém, como esse painel trata da técnica de surpresa, a diferença de movimentos é colocada em foco no vídeo. Portanto, além de aparecer setas e bolinhas separadas, há uma junção destas representações para que o usuário utilize diferentes tipos de movimentos na tela (imagem 22). Por fim, a seção “trazendo para o quarto” encerra o painel apresentando os mesmos padrões descritos anteriormente.

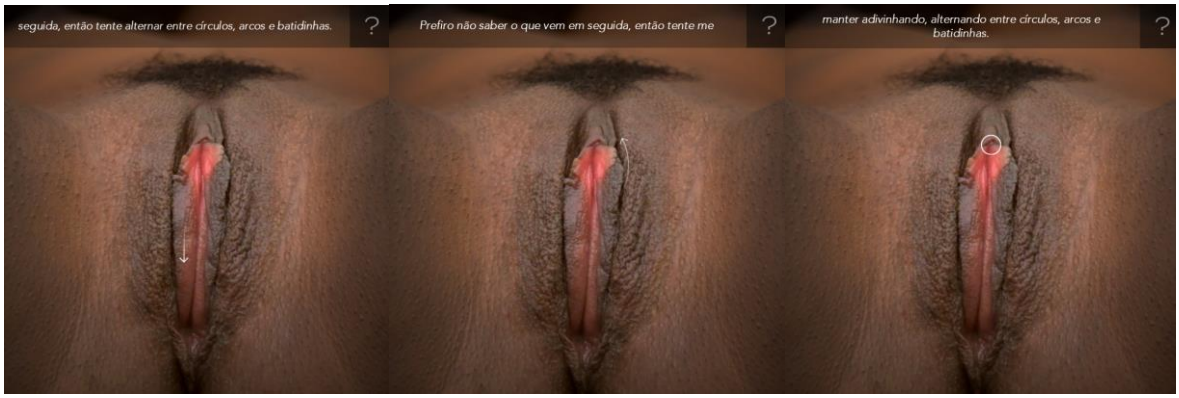

Imagem 22: Diferentes representações dos movimentos através de setas e círculos

4.6. Multiplicidade

O primeiro vídeo deste painel é o relato de uma mulher chamada Lee sentada em um sofá. O vídeo inicia com ela falando sobre a possibilidade de gozar múltiplas vezes e, em seguida, já insere uma cena complementar dela olhando fixamente para a câmera. Lee relata que chegar ao segundo orgasmo (ou até mesmo além) não acontece normalmente em suas relações sexuais com parceiros: o sexo acaba quando um dos dois goza. Normalmente, de forma construída, o sexo foi estabelecido para dar prazer ao homem. A ideia de gozar múltiplas vezes não é um assunto recorrente na sociedade pelo fato do sexo acabar quando o homem goza. Lee relata que começou a permitir que seu parceiro tentasse fazê-la gozar uma segunda vez. Este relato é intercalado por close-ups do seu rosto quando ela está aparentemente deitada em algum lugar. O enquadramento nunca é o mesmo durante o relato: o vídeo intercala planos abertos e planos detalhe.

Em seguida, o painel apresenta um texto explicativo sobre a sensibilidade logo após o primeiro orgasmo, entrando, em seguida, na explicação de como esta técnica funciona. Há três divisões estabelecidas: (1) Um corpo totalmente novo após o orgasmo; (2) Período de recuperação logo após o orgasmo; (3) Retomando a excitação para o segundo orgasmo; e (4) Multiplicidade imediata (poucas sortudas). Estas seções apresentam vídeos demonstrativos,

com exceção do primeiro que apresenta apenas um diagrama (imagem 23). Esta primeira seção fala em seu texto inicial diretamente com uma usuária, ou um usuário que está usufruindo desta plataforma para aprender diferentes técnicas de masturbação para realizar em uma parceira: “digamos, por exemplo, que o que funciona para você ou sua parceira…”. Como apresentado anteriormente, o site apresenta a mesma quantidade de usuários para ambos os sexos. Assim, referir-se a ambos configura uma estratégia de linguagem da plataforma.

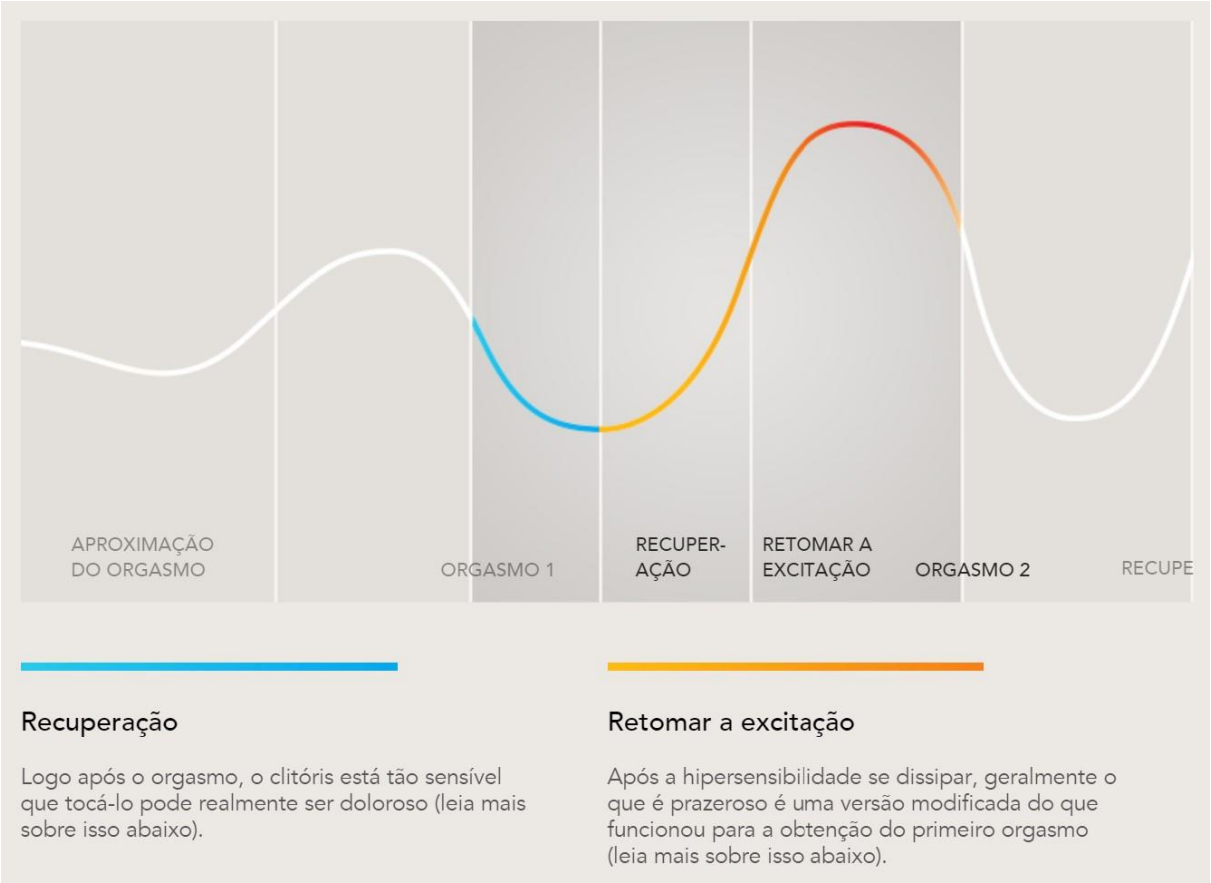

Imagem 23: Hipoícone diagramático

A segunda seção (período de recuperação logo após o orgasmo) explica a importância de continuar realizando movimentos masturbatórios neste período pós-orgasmo, porém sem contato direto com o clitóris. Em seguida, o segundo vídeo do painel é apresentado. Alba relata que teve uma relação sexual com uma menina que nunca tinha ficado com outra garota anteriormente. Este vídeo apresenta-se como um dos poucos relatos homoafetivos do site. Como analisado anteriormente, as participantes da pesquisa indicam que são heterossexuais. Deste modo, a predominância de conteúdos heteronormativos mostra-se recorrente no decorrer dos painéis. Este vídeo, em um primeiro momento, parece mais como um relato, porém há algumas cenas de demonstração explícita intercaladas com sua fala. Deste modo, à medida que

ela relata sua relação com esta técnica, aparecem cenas explicando os movimentos que foram utilizados para que ela conseguisse chegar a um segundo orgasmo.

Em seguida, a terceira seção (retomando a excitação para o segundo orgasmo) apresenta um texto inicial explicativo e uma tabela (imagem 24). Este é o primeiro painel que utiliza uma tabela como recurso pedagógico-informativo.

O que excita a mulher para alcançar o primeiro orgasmo	Modificado para ser	O que excita a mulher para alcançar o segundo orgasmo
Movimentos circulares ao redor do prepúcio, tocando o clitóris exposto apenas algumas vezes	• Menos direto • Menos ou nenhum toque direto no clitóris exposto	Movimentos circulares maiores que movem a pele circundante, mas nunca tocam o clitóris exposto
Movimentos ascendentes, da entrada da vagina ao clitóris, alternando os lados e ocasionalmente indo diretamente para o clitóris	• Mais devagar • Toques com menos pressão	Movimentos descendentes na parte superior do prepúcio, sem tocar diretamente o clitóris
Movimentos ovais rápidos no sentido horário que movem também a pele do prepúcio, em uma pressão considerável	• Menos direto • Menos ou nenhum toque direto no clitóris exposto	Movimentos ovais mais lentos no sentido horário que deslizam delicadamente sobre a pele do prepúcio, em vez de usar uma pressão forte o suficiente para mover a pele
Pressões no prepúcio intercaladas com movimentos ascendentes que tocam diretamente o clitóris	• Menos direto • Toques com menos pressão • Nenhum toque direto no clitóris exposto	Pressões na parte superior do prepúcio (longe do clitóris exposto) intercaladas com movimentos circulares amplos e suaves que não tocam diretamente o clitóris

Imagem 24: Quadro referente ao painel de multiplicidade

Logo após a tabela, há um terceiro vídeo retomando o relato de Lee que é intercalado com cenas de demonstração explícita. Assim, a entrevistada encontra-se deitada explicando quais movimentos realiza para alcançar o segundo orgasmo. Enquanto contextualiza a técnica, o enquadramento foca em seu rosto. Já nas cenas demonstrativas, o enquadramento encontra-se no órgão genital focando o movimento dos dedos. Neste vídeo, há cenas da entrevistada gozando cujo enquadramento é um close-up de sua boca entreaberta, aparecendo um pouco do

pescoço; outras cenas são de seu rosto inteiro mostrando sua boca aberta e os olhos fechados. Após, há um vídeo interativo de Lee retomando alguns movimentos ensinados no vídeo demonstrativo descrito anteriormente.

O último vídeo deste painel encontra-se na última seção (multiplicidade imediata) que retoma uma entrevistada do primeiro painel analisado (controle do orgasmo). Sidney, deitada em um sofá apenas vestindo a blusa, dá um pequeno relato de como ficou conhecendo esta técnica e, logo em seguida, já a demonstra. Há um pequeno *fade-out* e aparece a entrevistada de olhos fechados com uma voz mais suave e calma explicando o que está fazendo para excitar-se. Sidney rapidamente chega ao orgasmo utilizando esta técnica e o vídeo termina com ela ofegante após ter um segundo orgasmo. Logo abaixo do vídeo, há uma legenda assim: Sidney (nome da entrevistada) - 'um amante me mostrou uma vez'. Esta entrevistada, em vídeos de painéis anteriores, também menciona que entrou em contato com a técnica através de seus relacionamentos heteroafetivos. Por fim, o painel encerra com a seção "trazendo para o quarto" com o mesmo padrão já analisado.

Pode-se perceber que quando os vídeos são de entrevistadas que apareceram em painéis anteriores, os vídeos configuram-se como uma mistura de relato e demonstração. Se os vídeos introdutórios trazem o relato das entrevistadas como estratégia de aproximação com o usuário, nos vídeos seguintes não se mostra necessário realizar esta aproximação novamente. Os relatos servem apenas para introduzir o novo assunto e, então, a demonstração ganha espaço.

4.7. Ênfase

O primeiro vídeo deste painel é um relato de Diana sentada no mesmo sofá dos vídeos anteriores e ela demonstra a técnica em sua mão. Não há cenas complementares. Há apenas o enquadramento aberto quando ela está falando e uma aproximação da sua mão quando ela realiza algumas demonstrações. Este painel, então, apresenta uma parte explicativa sobre os motivos de usar ênfase na masturbação. Em seguida, há uma explicação de como a ênfase funciona seguido de pequenos painéis com temáticas diferentes: (1) Por que usar a ênfase; (2) Como a ênfase funciona; e (3) Encontrar as melhores partes para dar ênfase. Cada painel apresenta qualidades interessantes que serão analisadas a seguir.

4.7.1. Por que usar a ênfase

Este primeiro painel explica que o clitóris é visto parcialmente, pois ele se encontra sob toda a área circundante sob a pele. Deste modo, as mulheres conseguem tocá-lo quando não estiver diretamente sobre o que a anatomia chama de “clitóris”. Segundo o site, há pontos em que pode gerar maior prazer sem necessariamente estar no centro. Deste modo, há mulheres que preferem receber mais atenção do lado direito, outras do lado esquerdo. Neste sentido, cada mulher possui uma preferência por um lado em especial. Para exemplificar esta descrição, o site apresenta um diagrama (imagem 25) de uma vulva indicando a localização do clitóris e a área circundante, na qual não é visível. A tonalidade azul mais forte representa o clitóris em si e a tonalidade menos forte e difusa representa a área não visível. O diagrama não apresenta nenhuma descrição, apenas o relato textual tem a função de direcionar a usuária a entender os pontos destacados da imagem.

Imagem 25: Hipoícone diagramático

4.7.2. Como a ênfase funciona

Em seguida, o painel apresenta diferentes estratégias de ênfase. Deste modo, o site ensina a usuária a dar ênfase a qualquer parte do movimento, apresentando, portanto, quatro

variações desta técnica. Essas variações são explicadas por um diagrama da vulva com movimento interativo. Em um exemplo o site explica um movimento ascendente e descendente repetitivo, no qual se pode fazer uma pressão maior ao realizar o movimento descendente do lado superior esquerdo. Assim, basta pressionar o botão de “visualizar este movimento” para que uma linha arredondada azul comece a se mover e realize o movimento. A cor azul exprime a pressão e, quando há ausência de cor, significa que o movimento está sendo realizado com pouca pressão. Deste modo, pode-se visualizar velocidade, pressão e a área onde o movimento está sendo realizado.

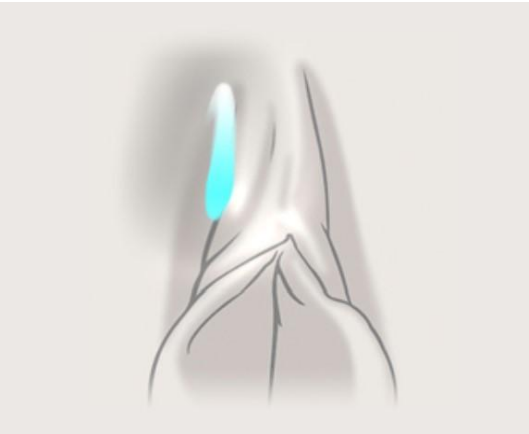

Imagem 26: Movimento ascendente e descendente

Imagem 27: Movimento ascendente e descendente

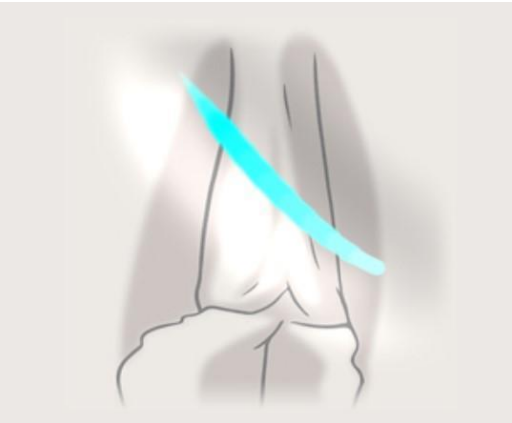

Imagem 28: Ênfase por meio da velocidade

Imagem 29: Movimento oval na parte superior

Logo após, há o vídeo demonstrativo da entrevistada. Ela começa despindo-se enquanto sua voz em *off* explica o movimento que ela realizará em seguida. O vídeo, então, continua com cenas dela se masturbando enquanto explica com um enquadramento aberto intercalado com cenas próximas ao órgão para capturar o movimento realizado. Logo após, o painel apresenta o

vídeo interativo que solicita à usuária que realize os movimentos demonstrados por Diana no vídeo anterior. O padrão segue o mesmo dos vídeos analisados em painéis anteriores.

4.7.3. Encontrar as melhores partes para dar ênfase

Por fim, o painel explica que o local mais prazeroso pode mudar ao longo do tempo e alguns casais criam maneiras de se referir a esses locais diferentes. Assim, o painel apresenta um diagrama de uma vulva indicando os pontos do clitóris através de um relógio (imagem 30). A utilização do relógio configura-se como uma metáfora a fim de indicar a posição desejada, portanto, é preciso entender o funcionamento de um relógio para compreender o paralelismo estabelecido entre estes dois objetos. Por último, o painel apresenta a seção “trazendo para o quarto” com as mesmas características previamente analisadas.

Imagem 30: Hipoícone metafórico

4.8. Concentração

O primeiro vídeo começa com uma locução em *off* e um close-up da entrevistada abrindo os olhos. Em seguida, aparece a entrevistada dando seu relato. Ela fala sobre suas experiências com parceiros e que já fingiu muitos orgasmos no início de sua vida sexual apenas por ser o esperado para conseguir terminar o sexo. Por volta dos 20 anos, ela começou a mudar

seu conceito sobre sexo e entender que são duas pessoas explorando o prazer juntas. Ela já tinha conhecimento de como gozar sozinha, então estava descobrindo como gozar com outra pessoa. “Sexo é a exploração do seu corpo com mais alguém, procurando prazer, não dessa forma engessada que pensamos ser, ou que vemos em filmes ou pornografia”, afirma. Deste modo, percebe-se que o entendimento sobre os corpos e suas possibilidades estão inscritas em narrativa divulgadas pela mídia. “O cinema, a televisão, as revistas e a publicidade nos pareciam guias mais confiáveis para dizer como era uma mulher desejável e tentávamos, o quanto era possível, nos aproximar dessa representação” (LOURO, 2000).

Esta entrevistada, Lee, já apareceu em vídeos anteriores e relata alguns dos movimentos que ela gosta de ensinar a um parceiro. O vídeo não possui muitas cenas complementares, mas há diferentes enquadramentos para registrar o relato da entrevistada. Há cenas abertas e outras mais próximas para pegar os movimentos demonstrativos que ela realiza com a mão, por exemplo. Por fim, Lee fala bastante sobre suas relações com outros parceiros e como as pessoas podem descobrir algo sobre você mesmo que não tinha conhecimento antes. Este painel apresenta uma estrutura diferente dos anteriormente analisados. Há inúmeras aspas de mulheres falando sobre o desconforto do sexo ser limitado ao orgasmo. Não há nenhum crédito nestas aspas e há algumas imagens de mulheres não identificadas.

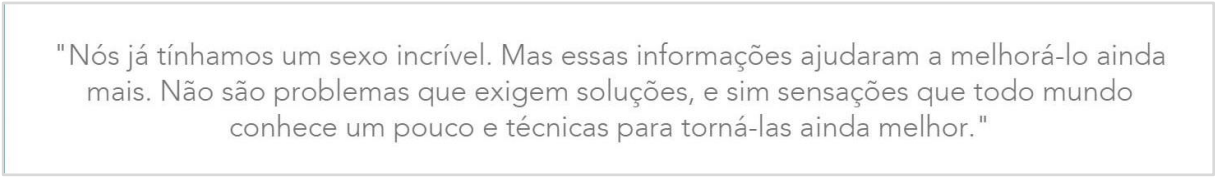

Imagem 31: Relato como recurso pedagógico

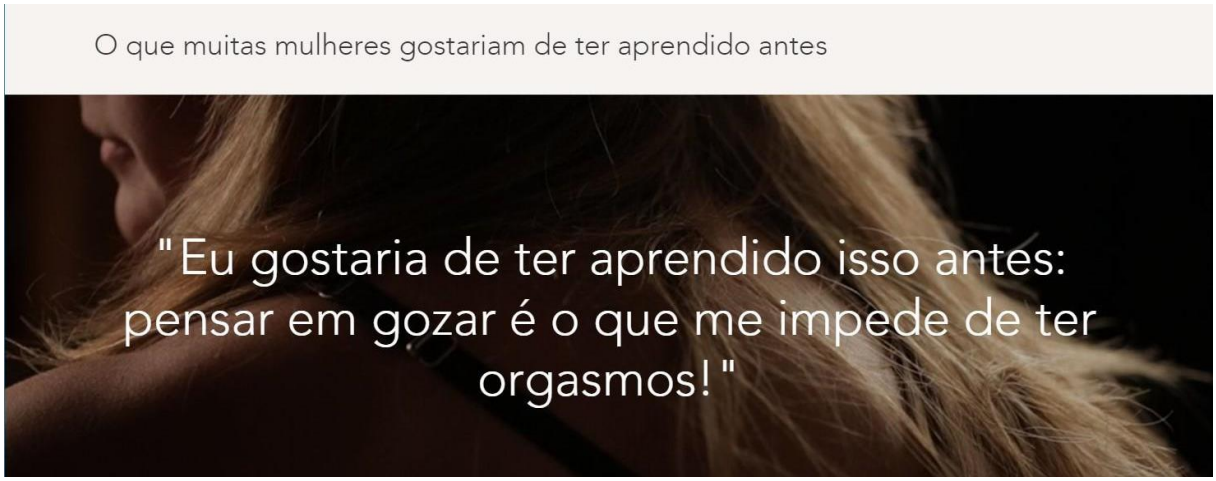

Imagem 32: Relato com imagem como recurso pedagógico

O segundo vídeo do painel é protagonizado por Alba, que também já foi entrevistada anteriormente. Não há nenhuma cena complementar nesta entrevista, apenas diferentes enquadramentos de sua fala. O vídeo começa com uma locução em *off* enquanto há um close-up da entrevistada arrumando os cabelos. Em seguida, aparece um plano aberto no qual ela explica o que ela normalmente faz quando está com dificuldade para gozar. Alba explica que muitos dos motivos dela não aproveitar é porque, normalmente, está duvidando de si mesma e este pensamento a distancia de sentir o prazer. E para fugir desse pensamento ela começa a fantasiar consigo mesma na tentativa de relaxar e aproveitar o momento. Louro (2000) entende a sexualidade como um complexo sistema que envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, entre outros. Deste modo, a estratégia de Alba em fantasiar para se distrair mostra uma atitude recorrente quando o assunto é sexualidade. Depois do vídeo, há novamente algumas aspas não creditadas que relatam, novamente, o desconforto da espera do orgasmo como fim do sexo.

O terceiro vídeo é, novamente, de uma mulher entrevistada anteriormente, a Sonya. O vídeo começa com uma locução em *off* da entrevistada e um close-up do seu rosto sorrindo relatando que sempre conseguia gozar sozinha. O enquadramento vai até a altura dos ombros, levando a entender que ela está pelada. Em seguida, há um plano aberto da entrevistada relatando que com parceiros ela sempre travava e que muitas vezes até fingia um orgasmo. Em seguida, ela relata uma relação sexual que teve com outra mulher e que mudou o seu modo de pensar o sexo. “Ela estava me ensinando como me permitir realmente estar presente e dar as caras”, relata. Logo em seguida, há uma dica direcionada aos parceiros e outras aspas não creditadas com uma foto de uma mulher não identificada.

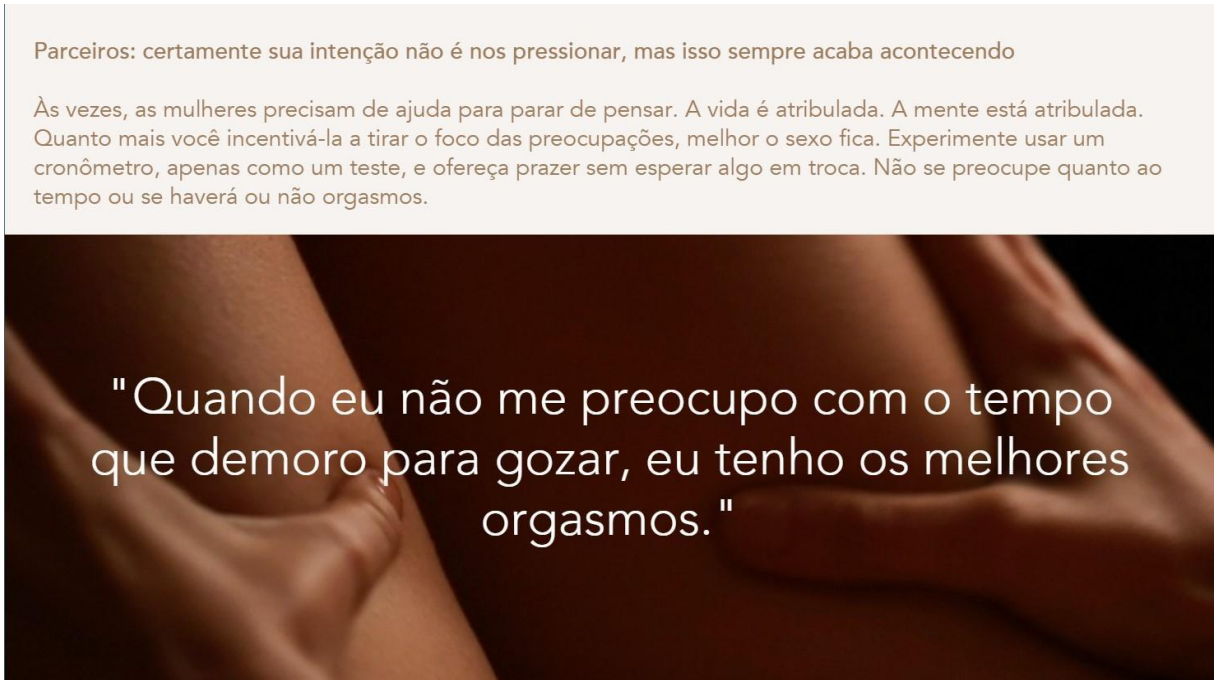

Imagem 33: Relato com imagem como recurso pedagógico

Por último, há o vídeo de Diana que, também, já apareceu em painéis anteriores. O vídeo começa com ela andando pelas ruas da cidade sorrindo. Ela começa seu relato falando sobre um relacionamento heteroafetivo anterior no qual o parceiro se importava com o prazer da parceira. A entrevistada está sentada em uma cama e há diferentes enquadramentos que captam sua fala: um plano aberto frontal, um mais próximo na diagonal e alguns recortes de suas mãos com locução em *off*. Em seguida, o painel segue o mesmo padrão explicado anteriormente com aspas não creditadas e “dicas” direcionadas aos parceiros.

Este painel não apresenta vídeo demonstrativo ou interativo como os anteriores, assim como também não há a seção “trazendo para o quarto”. Há apenas o relato das entrevistadas e a configuração do painel que se diferenciam dos outros anteriormente analisados. Neste sentido, o painel busca tratar de assuntos comuns referentes à sexualidade e ao orgasmo feminino. Por meio de uma linguagem amigável, o site intenta aproximar-se do usuário e, então, provoca um interpretante lógico por apresentar um conteúdo informativo que visa a aumentar o conhecimento do usuário e promover uma reflexão acerca da sua própria sexualidade. Essa construção de significados aproxima-se do entendimento de interpretante lógico proposto por Peirce.

Na tabela apresentada a seguir (tabela 4), percebe-se que os problemas abordados neste painel foram indicados na pesquisa de Herbenick (et al., 2017). Investir tempo na construção da excitação, ter uma relação sexual com um parceiro que se preocupa ou sabe das preferências da parceira, assim como, ter uma intimidade emocional entre ambos são aspectos que criam

orgasmos melhores. Em quarto lugar, representando 43,9% da amostra, não se sentir apressada foi indicado pelas participantes como um fator para atingir o clímax, assim como o painel aborda essa problemática a partir de relatos de entrevistadas e sugere algumas dicas e estratégias de descontração direcionados a homens e mulheres utilizadores da plataforma.

PERCEPÇÕES DAS PARTICIPANTES SOBRE APRIMORAMENTO DO ORGASMO

Experiência ou técnica	***% (n)***
Investir tempo para atingir a excitação	77,2% (614)
Ter um parceiro que sabe o que a parceira gosta	58,6% (466)
Intimidade emocional	55,5% (441)
Não se sentir apressada	43,9 (349)
Ter o clitóris estimulado ao mesmo tempo da penetração	39% (310)
Novidade (algo diferente do usual)	23,9% (190)
Muito tempo de sexo	18,5% (147)
Quando a mulher se masturbar durante sexo com parceiro	13,3% (106)
Estimulação anal	10,6% (85)
Desejo por um parceiro específico	7% (56)
Outros	3,9% (31)
Nota: as participantes poderiam escolher mais de uma opção	

Tabela 4: dados coletados na pesquisa de Herbenick (et al., 2017)
referentes à percepção das participantes sobre aprimoramento do orgasmo.

4.9. Camadas

O primeiro vídeo do painel é de Lee. O vídeo começa mostrando os pés da entrevistada em um gramado verde e depois seu rosto sorrindo sem olhar para a câmera. Com a locução em *off*, Lee explica que na adolescência ela teve seu primeiro orgasmo ao retirar a ponta de uma escova de dentes elétrica deixando exposta a pequena parte de metal que vibra. A entrevistada está sentada em um sofá com os pés sobre o acolchoado, há diferentes enquadramentos capturando o relato dela: um plano aberto frontal, um plano próximo na diagonal e alguns planos detalhe da sua mão ao demonstrar algum movimento. Ela explica que nunca chegou ao orgasmo com os modos de masturbação que ela teve conhecimento através da pornografia. “Então o que eu gosto, e é completamente diferente do que eu tinha visto em filmes pornôs”, afirma. Em seguida, o painel contextualiza o fundamento da técnica de camadas utilizando diagramas, aspas de mulheres não identificadas, dados e ilustrações.

Imagem 34: Variações de camadas

Esta imagem configura-se como um hipoícone diagramático por representar relações análogas dos objetos. A técnica consiste em utilizar o tecido adjacente ao clitóris para tocá-lo de forma mais ou menos direta. Assim, o ponto azul representa o clitóris e dependendo da camada utilizada (tecidos, grandes lábios ou prepúcio), o contato será mais ou menos intenso. Em seguida, o painel explica a técnica de utilizar as camadas mais grossas da vulva como uma forma menos direta de tocar o clitóris. O painel, então, apresenta a técnica do sanduíche de clitóris (imagem 35) por meio de um hipoícone diagramático. Apesar de serem representadas relações em nível de qualidade, como a forma e as partes constituintes entre signo e objetos (nos quais configurariam um hipoícone imagético), as relações estruturais entre posição dos dedos no clitóris estão em evidência neste signo. Portanto, o signo não apenas mostra as qualidades do seu objeto, mas configura-se por relações análogas em suas próprias partes.

Imagem 35: Técnica “sanduíche de clitóris”

Em seguida, há uma explicação de camadas mais finas usando o prepúcio a fim de alcançar o orgasmo. A explicação é feita por texto e imagens ilustrativas (imagens 36, 37 e 38), além de dois vídeos demonstrativos. As imagens são hipoícones diagramáticos por apresentarem os mesmos atributos da imagem 35 explicadas anteriormente. Em seguida, o primeiro vídeo demonstrativo é de Lee novamente e ela começa explicando com movimentos na mão, mas há um close-up para captar o movimento. Neste vídeo há mais enquadramentos próximos da vulva para demonstrar o movimento do que planos abertos da entrevistada falando. Neste sentido, os close-ups são feitos com locução em *off* explicando quais movimentos ela está realizando.

Imagem 36: Deslizar sobre a pele

Imagem 37: Mover o prepúcio

Imagem 38: Pressionar

O segundo vídeo demonstrativo é de Maria. No primeiro painel em que ela aparece, há apenas seu relato sobre a técnica, mas não há vídeo demonstrativo ou interativo desta mulher. Neste painel, seu vídeo é uma mistura de relato e demonstração, prevalecendo o relato em si. Ela começa fazendo uma analogia entre o rosto e a vagina: sua mãe havia lhe ensinado que, a fim de evitar rugas, era preciso tocar o rosto com dedos menos fortes. Assim, o mesmo seria com a vulva. Tocar o clitóris com o dedo indicador pode ser demasiado agressivo. Assim, ela utiliza uma metáfora para explicar a intensidade do contato do dedo com o clitóris. Neste sentido, ela começa a explicar como usa o dedo do meio e o anelar demonstrando na palma de sua mão. Há apenas um close-up de sua vulva demonstrando o movimento realizado e o resto do vídeo segue a mesma estrutura de enquadramentos diferenciados captando o relato.

Em seguida, o painel apresenta uma tabela de ajuste dos movimentos. Pode-se aumentar ou diminuir a intensidade com base no que é mais prazeroso para alguém ou para a parceira. Deste modo, a tabela (matriz 2x5) coloca em relação maneiras de tornar a sensação mais ou menos intensa ao alterar a velocidade, a consistência, a pressão e a distância do clitóris.

Maneiras de tornar a sensação menos intensa	Maneiras de tornar a sensação mais intensa
Mais devagar	Mais rápido
Menos constante	Mais constante
Menos pressão	Mais pressão
Mais distante do clitóris	Mais próximo do clitóris exposto

Imagem 39: Tabela referente à técnica de camadas

Logo após, o painel apresenta um diagrama indicando o momento oportuno de usar as camadas. Este diagrama apresenta qualidades parecidas com os diagramas das imagens 7, 20 e 24: apresentam relações análogas a seus objetos dinâmicos e utilizam da mesma paleta de cores para fazer isto. No caso do diagrama da imagem 40, seu objeto corresponde à utilização das camadas e, dependendo do momento da excitação, pode-se utilizar as camadas para um contato menos direto com o clitóris.

Imagem 40: Hipoícone diagramático

4.10. Fases

O painel começa de forma diferente dos anteriormente analisados. Em vez de começar com um vídeo contextualizando a técnica ou um relato, revela uma imagem, um texto explicativo e um gráfico. Em seguida, o painel apresenta um dado que exprime a porcentagem de mulheres que relatam níveis diferentes de intensidade do orgasmo, sendo que os mais intensos são resultado de passarem mais tempo aumentando a excitação. Na tabela 4, percebe-se que 77,2% da amostra (HERBENICK et al., 2017) preferem investir tempo para alcançar o clímax. Em seguida, há quatro aspas de mulheres não identificadas que relatam algumas alterações físicas quando estão excitadas (como vermelhidão e inchaço na área, aumento do clítoris), diferenças entre excitações em homens e em mulheres, entre outros.

Imagem 41: Imagem introdutória do painel

Em seguida, há o vídeo de Samantha (previamente apresentada nos painéis de insinuação e consistência), sendo uma mistura de relato e demonstração. O vídeo começa com um enquadramento lateral próximo ao rosto dela sorrindo, em seguida dela deitada de barriga para baixo com o enquadramento focando nas alças de sua blusa e de seu sutiã, com o seu sorriso no canto superior esquerdo do enquadramento. Há um close-up dos seus olhos e depois de suas costas enquanto ela está vestindo apenas um sutiã preto. Ela está deitada vestindo uma blusa amarela enquanto explica os movimentos que ela gosta de receber numa relação sexual. Há cenas da entrevistada explicando a técnica tanto deitada quanto sentada, demonstrando em sua mão. Há uma cena externa dela fumando um cigarro olhando diretamente para a câmera.

Logo após há um vídeo interativo de Samantha. Neste caso, ela estava com os pelos pubianos aparados e estava vestindo uma blusa amarela. Este artifício consiste em fazer com que o consumidor do site realize os movimentos ensinados previamente pela entrevistada numa tela touchscreen. Assim, a voz da entrevistada fala quais movimentos ela gostaria que o usuário realizasse para que ela chegue ao clímax, e aparecem umas setas explicando qual movimento é preciso fazer na tela. Quando o dedo passa sobre a vagina, há uma distorção do órgão seguindo o movimento realizado. Há, também, o movimento respiratório da simulação da entrevistada. Assim, o vídeo interativo não é apenas uma imagem estática e a resposta da simulação é feita com a voz da entrevistada em um tom calmo e sensual. Portanto, as qualidades do signo que

são evidenciadas na simulação aproximam-se da ideia de hipoícone imagético por configurarem recursos imagéticos que são utilizados na maioria dos vídeos da plataforma.

Por fim, o painel apresenta algumas categorias seguidas de aspas de mulheres não identificadas com um botão de “leia mais”. Ao expandir as informações, há algumas dicas e dificuldades apresentadas pelas mulheres que realizam aquela técnica. Em algumas expansões, há também dados e aspas de mulheres, também, não identificadas. Essa estrutura mostra-se bem diferente dos painéis anteriores.

4.11. Movimentos circulares

O primeiro vídeo do painel não apresenta o nome da entrevistada. O vídeo é uma mistura de relato e demonstração, e começa com ela andando por uma casa enquanto uma locução em *off* faz o relato. O início do vídeo apresenta muitas cenas complementares na qual a entrevistada olha diretamente para a câmera. Depois de explicar seu entendimento sobre orgasmo, o vídeo mostra a entrevistada excitando-se e, em seguida, explicando o movimento com um enquadramento frontal próximo do órgão. Percebe-se que este é o único vídeo com partes explícitas que não apresentou a entrevistada previamente e, portanto, não criou uma relação entre a personagem e o usuário. Não obstante, o vídeo apresenta um breve relato com o intuito de se aproximar do usuário. Deste modo, há um apelo emocional antes de apresentar a demonstração em si.

Em seguida, o painel apresenta uma explicação textual dos tipos de círculos. O painel, então, é subdividido em seções sobre as variações dos movimentos. Na seção de localização, o painel explica textualmente os efeitos causados ao realizar movimentos masturbatórios: (1) longe do clitóris; (2) no prepúcio; (3) em cima e longe do prepúcio; e (4) por toque direto. Há um diagrama (imagem 43) de uma vulva com duas partes indicadas: o prepúcio e o clitóris. As relações análogas são representadas pela utilização de cor para indicar os locais constituintes do prepúcio e do clitóris. Não há legenda, então o site parte do pressuposto de que o consumidor tem conhecimento da nomenclatura utilizada.

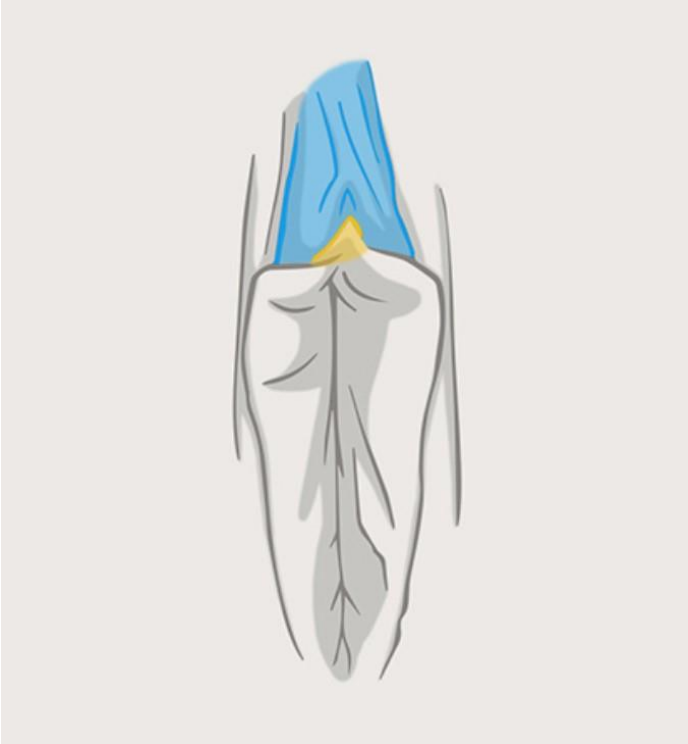

Imagem 42: Hipoícone diagramático

Em seguida, a seção de pressão apresenta uma imagem ilustrativa (imagem 43) de dedos realizando pressão em uma camada de pele. Esta imagem apresenta qualidades parecidas com o diagrama do painel de camadas (imagem 34). Deste modo, ambas imagens podem ser consideradas hipoícones diagramáticos por representarem seus objetos por meio de uma relação análoga.

Imagem 43: Hipoícone diagramático

Uma novidade neste painel é uma imagem animada colocando em relação a localização e a pressão do movimento. Há uma matriz (3 x 4) que coloca a localização no eixo y e a pressão no eixo x. Ao apertar em uma dos pontos da matriz, a imagem ganha movimento representando a localização e a quantidade de pressão do movimento. A matriz divulga dados de quantas mulheres gostam daquele tipo de combinação.

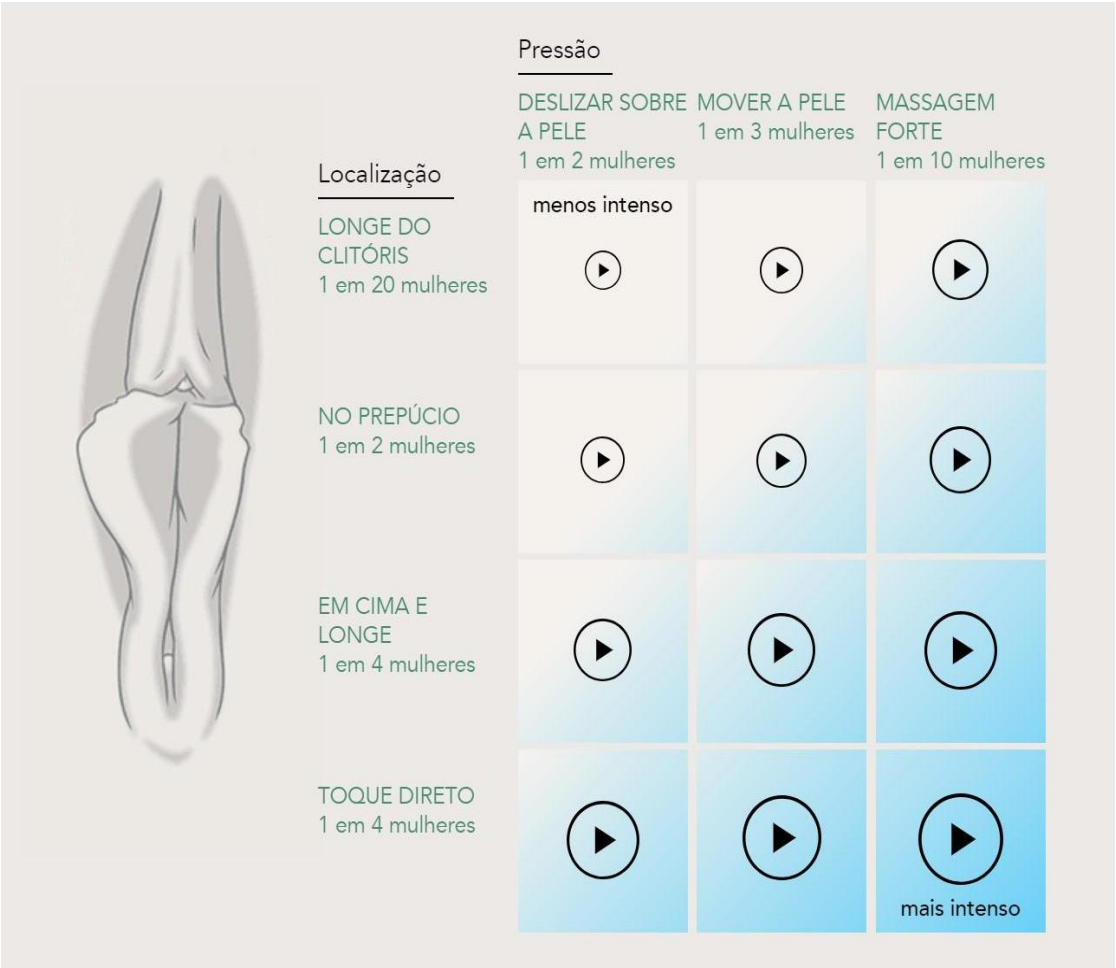

Imagem 44: Hipoícone diagramático interativo

Percebe-se que este painel, portanto, apresenta explicações textuais combinadas com hipoícones imagéticos-diagramáticos e vídeos demonstrativos. Deste modo, pode-se concluir que há uma enorme variedade de linguagens pedagógicas utilizadas neste painel que são fruto da combinação de três linguagens primárias: a verbal, a visual e a sonora. Para Santaella (2005, p. 28), “esses processos de hibridização atuam como propulsores para o crescimento das linguagens”. Por fim, o painel encerra apresentando a seção “trazendo para o quarto” com as mesmas qualidades previamente descritas.

4.12. Sinalização

À primeira vista, este painel parece ser uma mistura de diversos formatos apresentados por painéis anteriores. No início, há três relatos de mulheres que apareceram em painéis anteriores (Alba, Jilian e Samantha). Em seguida há uma explicação textual seguida de uma imagem de uma mulher com umas aspas. Após, há algumas explicações textuais combinadas com vídeos demonstrativos. E, por fim, o último vídeo do painel mostra uma mulher que não estava presente em painéis anteriores.

Os vídeos deste painel são apenas relatos das mulheres sobre como elas falam com seus parceiros no sexo, dão *feedbacks* e como fazem com que eles façam uma técnica que elas gostam. Como a temática do painel é dar orientações em relação à preferência delas, os relatos partem do pressuposto de uma relação sexual a dois. Neste sentido, o painel aborda diferentes estratégias de comunicação para serem utilizadas durante a relação sexual ou mesmo antes. A estrutura do vídeo não é diferente dos vídeos de perspectiva dos painéis anteriores: os relatos são íntimos e a música intenta intensificar a emoção. Neste painel, não há cenas complementares, apenas diferentes enquadramentos do relato.

5. Considerações finais

O site *omgyes.com* utiliza diversas linguagens com o intuito de explorar diferentes facetas de seu objeto: o prazer sexual feminino. O que vale aqui acentuar são como as misturas e a utilização de linguagens na plataforma ampliam o conhecimento acerca da sexualidade feminina e suas potencialidades. As linguagens configuram-se fundamentalmente sobre três grandes fontes primárias: a verbal, a visual e a sonora. Os signos audíveis (sons, músicas, ruídos), os signos imagéticos (todas as espécies de imagens fixas e animadas) e os signos verbais (orais e escritos) criam uma narrativa que intenta inovar os discursos acerca da sexualidade feminina. Neste sentido, a construção de sentido na plataforma não acontece de forma aleatória, mas a partir de um discurso informativo-pedagógico que parte de associações emotivas até alcançar a construção de um interpretante lógico na mente do usuário.

Os relatos, por exemplo, correspondem ao primeiro modo de apresentação da técnica ao usuário. Os relatos estão presentes em todos os painéis e são construídos de modo similar ao longo de toda a plataforma. Estes vídeos são compostos por descrições de histórias pessoais, cujo apelo emocional – constituinte tanto do teor das narrativas quanto da edição que intercala falas com planos detalhes – intenta provocar uma emoção no usuário que simpatize e se identifique com o relato da entrevistada. A música intenta intensificar o apelo emocional neste tipo de linguagem e as metáforas são abundantemente utilizadas na tentativa de explicar a técnica. Deste modo, pode-se concluir que as linguagens e suas narrativas intentam provocar um interpretante emocional na mente do usuário como forma de aproximação.

Em seguida, o site apresenta vídeos demonstrativos cuja entrevistada executa o modo de excitação referente à técnica do painel. Como pontuado anteriormente, o depoimento da entrevistada localiza-se anteriormente ao vídeo demonstrativo (ou momentos antes da demonstração no caso dos painéis cujas entrevistadas já haviam aparecido em vídeos anteriores) configura-se como estratégia que cria um vínculo entre usuário e entrevistada. Assim, o conteúdo explícito do vídeo não se mostra agressivo à mente do usuário. Nas demonstrações, as entrevistadas se referem aos três tipos de objetos dinâmicos: abstrativo, concretivo e coletivo.

Ao falar de prazer e excitação, os signos de primeiridade são exaltados e a ideia abstrata de órgãos sexuais vem à mente. Já quando o objeto dinâmico se configura como uma ocorrência, os signos referem-se às partes constituintes de seus órgãos sexuais. Apesar de todas as mulheres possuírem tais partes, as entrevistadas estão se referindo às suas partes em particular. Porém, estes signos também podem ser compreendidos como objetos coletivos, pois são de fato partes

anatômicas presentes na maioria das mulheres e, para um signo de terceiridade funcionar, é preciso que uma réplica, ou seja, um signo de secundidade aconteça.

Além disso, os vídeos demonstrativos evidenciam qualidades dos signos que são posteriormente aplicadas nos hipoícones imagéticos presentes no conteúdo interativo do site. Deste modo, o recorrente enquadramento próximo ao órgão genital das entrevistadas apresenta qualidades do objeto que se tornam comuns ao usuário e que são repetidas na linguagem interativa. Porém, diferentemente dos vídeos demonstrativos que ainda estão no nível emocional, o conteúdo interativo – mais precisamente a simulação – provoca um interpretante energético por ser necessário um esforço físico para executar a excitação na imagem. A resposta deste tipo de conteúdo configura-se em uma voz sensual, que guia o usuário pelos movimentos e, no final, há um gemido de alívio e prazer.

No entanto, a utilização de metáforas poderia ser uma estratégia possível para tratar o prazer sexual feminino a partir de uma perspectiva diferente da ótica masculina, pois o conteúdo interativo apresenta qualidades que se aproximam de representações do sexo em filmes, em conteúdos pornográficos, assim como no conhecimento popular, domínios que valorizam a perspectiva masculina em detrimento da feminina. Deste modo, a criação de uma linguagem metafórica que colocasse em paralelo diferentes qualidades representativas do signo a algo diverso dele poderia mostrar-se uma estratégia positiva para referir-se ao entendimento da técnica.

Além destas linguagens pedagógicas descritas, o site também utiliza conteúdo verbal extenso para fornecer dados, descrições científicas e relatos – ora combinados com uma imagem, ora apenas descritos verbalmente. Nesta medida, os hipoícones diagramáticos, em sua grande maioria, são apresentados próximos do conteúdo verbal devido à sua capacidade de representar as qualidades semelhantes ao seu objeto por meio de uma relação estrutural. Deste modo, os diagramas são utilizados em abundância nos painéis, pois materializam em qualidades imagéticas o conteúdo descrito verbalmente. Além disso, pode-se perceber que outras estruturas foram utilizadas no conteúdo da plataforma, porém não faziam parte do objetivo deste trabalho. Representações simbólicas, por exemplo, podem ser encontradas ao longo do site e funcionam por meio de um caráter imputado, convencional ou de lei. Assim, percebe-se a utilização de uma série de regras arbitrárias envolvidas na construção de um conteúdo pedagógico acerca do prazer sexual feminino.

Nesta perspectiva, pode-se concluir que há raízes lógicas e cognitivas específicas que determinam a constituição do verbal, do visual, do sonoro e de toda a variedade de processos sígnicos sugeridos pelo site. A combinação destas linguagens intenta provocar os três tipos de

interpretantes. Neste sentido, a plataforma provoca interpretantes emocionais nos primeiros momentos dos painéis (apresentação da técnica, histórias pessoais, música emotiva) para, então, propor uma interatividade que provoca um interpretante energético ao exigir um esforço físico. Ao final da absorção do conteúdo do site, intenta-se entender – pelo menos em parte – o prazer sexual feminino por meio de interpretantes lógicos. Deste modo, as diversas experiências sugeridas no decorrer do site buscam ampliar o conhecimento de prazer sexual feminino.

6. Referências bibliográficas

BARŠAUSKAITĖ, Ieva. **Female Genital Self-Image and Sexual Dissatisfaction**: The Role of Sexual Esteem and Partner Perceived Genital Dissatisfaction. 2018.

BOCKTING, W., COLEMAN, E. **Masturbation as a Means of Achieving Sexual Health,** The Haworth Press, Inc, 2002, 183 p.

BORGES, Priscila. A System of 21 Classes of Signs as an Instrument of Inquiry. **The American Journal of Semiotics** v. 31. n. 3-4, pp. 245–276, 2016.

_____. **A complex system of sign classes for complex sign systems.** No prelo.

_____. As subdivisões do ícone e os sistemas de classes de signos de C. S. Peirce: uma investigação a respeito do modo de representação das qualidades. **Tríade – Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 5, n. 10, p. 216-229, dez. 2017.

_____. **Mensagens cifradas**: a criação de linguagens diagramáticas. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo, Programa de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

BULLOUGH, Vern L. (2003) Masturbation. **Journal of Psychology & Human Sexuality**, 14:2-3, 17-33, DOI: 10.1300/J056v14n02_03

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, F. C.; HOFF, T. **Erotismo e mídia.** São Paulo: Expressão & Arte, 2002.

COLAPIETRO, Vincent. **Peirce e a abordagem do Self**. Uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana. São Paulo: Intermeios, 2014.

ESCAJADILLO-VARGAS, N.; MEZONES-HOLGUIN, E.; CASTRO-CASTRO, J., CORDOVA-MARCELO, W. BLUMEL, J. E.; PEREZ-LOPEZ, F. R., et al. Sexual dysfunction risk and associated factors in young Peruvian university women. **Journal of Sexual Medicine**, 8, 1701-1709, 2011.

FAHS, B. FRANK, E. Notes from the Back Room: Gender, Power, and (In)Visibility in Women's Experiences of Masturbation, **Journal of Sex Research**, 2013 DOI: 10.1080/00224499.2012.745474

FARIAS, Priscila. Imagens, diagramas e metáforas: uma contribuição da semiótica para o design da informação. In: **Congresso Internacional de Design da Informação**, 2003, Recife. Anais do Congresso Internacional de Design da Informação. Recife : SBDI - Sociedade Brasileira de Design da Informação, 2003. v. 1. p. 1-11.

FARIAS, Priscila; QUEIROZ, João. Imagens, diagrams, and metaphors: Hypoicons in the context of Peirce's sixty-six fold classification of signs. **Semiotica** (2006), p. 1–21. DOI 10.1515/SEM.2006.0

FERRAZ JR., Expedito. O conceito peirceano de metáfora e suas interpretações: limites do verbocentrismo. **Estudos Semióticos.** [on-line] Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 70–78. Acesso em 30/05/2019.

FLAUSINO, Márcia Coelho. **As dietas dos desprazeres**: a mídia e a gastronomia da fome. Brasília: Casa das Musas, 2008. 103 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 149 p.

GIFFIN, Karen. Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 10 (suplemento 1): 146-155, 1994.

HAUS, Katherine. **Feelin' Myself:** The Sexual Double Standard and Perceived Sexualities of Hypothetical Men and Women Engaging in Masturbation. (A thesis submitted in partial fulfilment of the requirements for the University Honors Program, University of Minnesota Duluth), 2018.

HERBENICK, D; FU, T.; ARTER, J.; SANDERS, S.; DODGE, B. Women's Experiences With Genital Touching, Sexual Pleasure, and Orgasm: Results From a U.S. Probability Sample of Women Ages 18 to 94. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 2017, 44:2, 201-212, DOI: 10.1080/0092623X.2017.1346530

HUNT, Lynn (org.) **A invenção da pornografia:** Obscenidade e as origens da modernidade 1500 – 1800. 1 ed. São Paulo: Hedra, 1999.

KAESTLE, C. E.; ALLEN, K. R. The role of masturbation in healthy sexual development: Perceptions of young adults. **Archives of Sexual Behavior**, 2011, 40, pp. 983-994.

KONTULA, O; HAAVIO-MANNILA, E. Masturbation in a Generational Perspective. In: BOCKTING, W., COLEMAN, E. **Masturbation as a Means of Achieving Sexual Health,** The Haworth Press, Inc, 2002, pp. 65-110.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 7-35.

MADANIKIA, Y., BARTHOLOMEW, K., CYTRYNBAUM, J. B. Deception of masturbation in North American movies. **Canadian Journal of Human Sexuality**, 22(2), 2013, pp. 106-115; doi: 10.3138/cjhs.2013.2052

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística.** 2008

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um *campo novo* para as ciências. **Rev. Estud. Fem.** [on-line]. 2008, vol.16, n.2, pp. 333-357. ISSN 0104-026X. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003.

REIS, Abel. Aproximações ao conceito de metáfora em C. S. Peirce. **Cadernos de Semiótica Aplicada**. Vol. 4. n. 2, 2006.

ROCHA, Everardo. **A mulher, o corpo e o silêncio**: a identidade feminina nos anúncios publicitários. Revista Alceu, 2 (3), 15. 2001

SANTAELLA, Lucia. **A Assinatura das Coisas**: Peirce e a Literatura. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

_____. A **teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo – Hacker Editores, 2001.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento:** sonora, visual e verbal: aplicações na hipermídia. 3 ed. São Paulo: Illuminuras: FAPESP, 2005.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense. [1983] 2005.

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de; DRIGO, Maria Ogécia. **Aulas de semiótica peirceana**. São Paulo: Annablume, 2013.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Jul-Set; 17(3): 417-26.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-83.

ZUCCO, L. P.; MINAYO, M. C. S. Sexualidade feminina em revista(s). **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.13, n.28, p.43-54, jan./mar. 2009

7. Glossário

Close-up: o enquadramento está próximo do objeto de modo que ele ocupa quase todo o cenário sem deixar grandes espaços em volta.

Enquadramento: configura-se na área capturada pela câmera no qual pode apresentar ao espectador apenas partes do cenário ou ele todo.

Locução em *off*: configura-se em um texto ou fala interpretando por um locutor/intérprete que não se vê na cena. No caso dos vídeos do site *omgyes.com*, as cenas mostradas não são compostas pela entrevista em si, mas por cenas complementares acompanhadas pela voz da entrevistada dando continuidade a seu relato ou explicação da técnica. Também chamado de narração em *off*, relato em *off* ou apenas em *off*.

Plano aberto: o enquadramento dá destaque à entrevistada e ao ambiente.

Plano americano: a entrevistada é enquadrada do joelho para cima.

Plano detalhe: o enquadramento é composto por uma parte do rosto ou do corpo (um olho, uma mão, um pé etc). Também pode ser usado para objetos pequenos.

8. Apêndice

SINALIZAÇÃO	MOVIMENTOS CIRCULARES	FASES	CAMADAS	CONCENTRAÇÃO	ÊNFASE	MULTIPLICIDADE	SURPRESA	CONSISTÊNCIA	INSINUAÇÃO	RITMO	CONTROLE DO ORGASMO
Vídeos	Vídeos	Texto	Vídeos	Vídeos	Vídeos	Vídeos	Vídeos	Vídeos	Vídeos	Vídeos	Vídeos
Texto	Texto	Gráfico	Texto	Texto	Texto	Texto	Texto	Texto	Texto	Texto	Texto
Aspas com imagem	Texto	Texto	Texto	Aspas	Texto	Texto	Diagrama	Texto	Diagrama	Diagrama	Texto
Texto	Texto	Aspas	Dado percentual	Aspas com imagem	Diagrama	Dado percentual	Texto	Aspas	Texto	Texto	Dado percentual
Aspas com imagem	Diagrama	Demons-tração	Texto	Aspas	Texto	Gráfico	Dado percentual	Gráfico	Dado percentual	Diagrama	Gráfico
Texto	Aspas	Vídeo interativo	Diagrama	Vídeo relato	Diagrama interativo	Texto	Aspas	Aspas	Demons-tração	Texto	Demons-tração
Vídeo relato	Diagrama	Texto	Texto	Texto	Demons-tração	Dado percentual	Diagrama	Texto	Demons-tração	Diagrama	Vídeo interativo
Texto	Texto	Aspas	Diagrama	Aspas com imagem	Vídeo interativo	Demons-tração	Texto	Demons-tração	Diagrama	Texto	Texto
Vídeo relato	Diagrama	Texto	Demons-tração	Aspas	Texto	Texto	Dado percentual	Vídeo interativo	Texto	Diagrama	Dado percentual
Aspas com imagem	Texto	Aspas	Texto	Texto	Diagrama	Tabela	Demons-tração	Indicações	Dado percentual	Texto	Gráfico
Texto	Diagrama	Texto	Diagrama	Aspas	Indicações	Demons-tração	Vídeo interativo		Demons-tração	Demons-tração	Demons-tração
Vídeo relato	Texto	Aspas	Diagrama	Vídeo relato		Vídeo interativo	Indicações		Diagrama	Demons-tração	Vídeo interativo
Texto	Diagrama interativo	Texto	Diagrama	Texto		Texto			Texto	Vídeo interativo	Texto
Vídeo relato	Texto	Aspas	Demons-tração	Aspas com imagem		Demons-tração			Dado percentual	Indicações	Dado percentual
Texto	Demons-tração	Texto	Demons-tração	Texto		Indicações			Demons-tração		Gráfico
Vídeo relato	Texto	Aspas	Tabela	Aspas					Vídeo interativo		Demons-tração
Vídeo relato	Aspas	Texto	Texto	Vídeo relato					Indicações		Vídeo interativo
Texto	Demons-tração	Aspas	Gráfico	Texto							Indicações
Vídeo relato	Aspas	Indicações		Aspas com imagem							
Vídeo relato	Demons-tração			Aspas							
Texto	Vídeo interativo			Texto							
Vídeo relato	Texto										
Vídeo relato	Demons-tração										
Texto	Indicações										